

10

Algumas notas
Sôbre os
Erros da percepção

168/10 FMP

Mário Pereira Lage

Algumas notas
Sôbre os
Erros da percepção

Dissertação Inaugural

Apresentada à

Faculdade de Medicina do Pôrto

—
Julho — 1916
—

168/10. FMP

IMPRESA NACIONAL
de Jaime Vasconcelos
204, R. José Falcão, 206
PORTO

FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

DIRECTOR

Cândido Augusto Correia de Pinho

PROFESSOR SECRETÁRIO

Álvaro Teixeira Bastos

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários e Extraordinários

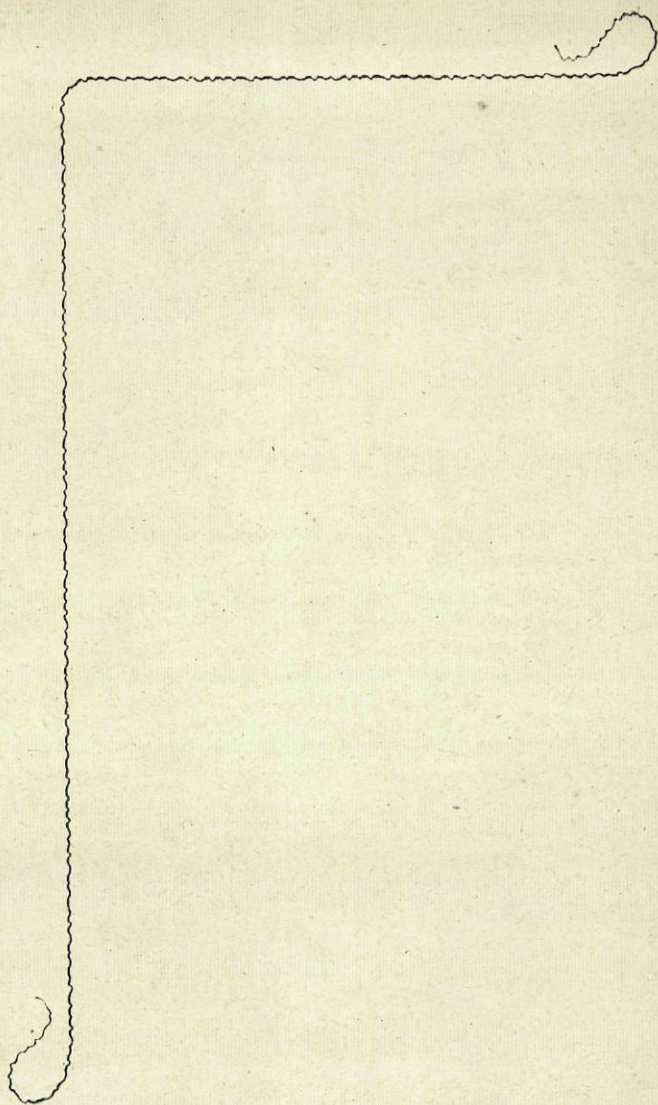
- | | |
|--|---|
| 1. ^a classe — Anatomia | { Luis de Freitas Viegas
Joaquim Alberto Pires de Lima |
| 2. ^a classe — Fisiologia e Histo-
logia | { Vaga
José de Oliveira Lima |
| 3. ^a classe — Farmacologia. | { Vaga |
| 4. ^a classe — Medicina legal e
Anatomia Patológica | { Augusto Henrique de Almeida Brandão
Vaga |
| 5. ^a classe — Higiene e Bacte-
riologia | { João Lopes da Silva Martins Júnior
Alberto Pereira Pinto de Aguiar |
| 6. ^a classe — Obstetrícia e Gine-
cologia | { Cândido Augusto Correia de Pinho
Álvaro Teixeira Bastos |
| 7. ^a classe — Cirurgia | { Roberto Belarmino do Rosário Frias
Carlos Alberto de Lima
António Joaquim de Sousa Júnior |
| 8. ^a classe — Medicina | { José Dias de Almeida Júnior
José Alfredo Mendes de Magalhães
Tiago Augusto de Almeida |
| Psiquiatria | { António de Sousa Magalhães e Lemos |
| Neurologia | { Vaga |

Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo
Pedro Augusto Dias
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Faculdade de 23 de abril de 1840, art. 155.º)



Prefácio

Por motivos com os quais não contávamos fomos obrigados a defender tese na presente época, sendo nossa intenção fazê-lo mais tarde.

Como já tínhamos algumas notas sobre o assunto que constitui o nosso trabalho, aproveitámo-las para o organizar. Sendo já tardia a nossa resolução, foi este trabalho feito em pouco tempo, acrescentando a isso que o foi durante a época mais trabalhosa para o estudante que é a época dos actos.

Por todas estas razões êle tem muitas deficiências que eu espero sejam perdoadas.

*

*

*

Dividi o presente trabalho em 2 partes: Na primeira, passo em ligeira revista a percepção normal,

dizendo tambem duas palavras sôbre as imagens. Julguei isto necessário, não só porque falando na patologia devia referir-me ao normal, mas ainda para compreensão do assunto.

Na segunda parte trato propriamente do assunto.

*

*

*

Ao Ex.^{mo} Snr. Prof. Lopes Martins os meus agradecimentos por se dignar presidir à defesa desta dissertação.

I PARTE

A percepção normal

CAPÍTULO I

As imagens

Toda a sensação pode reaparecer na consciência, de uma maneira mais ou menos perfeita, formando o que os franceses chamam imagem e os alemães representações.

Um cego, por exemplo, pode muito tempo depois de ter perdido a vista, revêr as côres de uma maneira perfeita, isto sucedeu com diversos escritores como Castilho e Milton.

Estas imagens formam o trama de todo o espírito. Diz Taine ¹ que "da mesma maneira que o corpo é um polipeiro de células, o espírito é um polipeiro de imagens". Na realidade sem imagens não se pode exercer a actividade espiritual.

Sendo as imagens reproduções das sensações,

¹ Taine, *De l'intelligence*.

variarão com estas, e assim teremos imagens: auditivas, visuais, motoras e táctis.

Nem todos os indivíduos se servem das mesmas, predominando umas ou outras.

Passemos uma ligeira revista a estas diferentes imagens e à sua importância no exercício do espírito dos diferentes indivíduos.

Começemos pelas auditivas. Estas imagens teem uma predominância indiscutível na maioria dos indivíduos. Poucos indivíduos haverá, a não ser os surdos de nascença, em que elas não representem, senão o papel principal, ao menos um papel importante. O que não quer dizer que não haja indivíduos que se sirvam habitualmente de outras imagens; assim, em vez de nas suas reflexões as imagens revestirem a forma de imagens verbais auditivas, elles vêem, por assim dizer, tocam e sentem os objectos. Mas não é este caso que nós vamos examinar.

A palavra interior, assim chamada por analogia com a palavra, põe-se em evidência em determinadas circunstâncias.

Quando eu escrevo, é a palavra interior que, por assim dizer, me dita, da mesma maneira quando leio em voz baixa *ouço* interiormente as palavras. O mesmo se dá quando falamos em voz alta. "Se a linguagem é rápida, não interrompida, as palavras seguem-se e encadeiam-se automaticamente e a palavra interior não é notada. Quando pelo con-

trário nós falamos com lentidão, quando o discurso apresenta intervalos e suspensões, no momento de estas suspensões a palavra interior faz-se ouvir e representa de alguma maneira o papel de quem dita».

“Quando nós falamos em voz alta, diz Condaillac, repetimos, o que nos dita a palavra interior, quando nos calamos, ela prepara os discursos que se seguem.» (Ballet) ¹.

Paulhan ² observa que algumas vezes um ruído pode ser favorável ao aparecimento das imagens; assim, êste autor representa mentalmente com maior facilidade uma melodia, quando ouve o ruído de um comboio ou de uma queda de água.

“A palavra interior é uma imitação mais ou menos exacta da palavra exterior» (Ballet) ³. Contudo a sua natureza é diferente: uma é um estado subjectivo e outra é um facto objectivo.

Nós só temos falado da palavra interior, isto é, não nos temos referido às imagens dos outros sons. Estas imagens teem muito menos importância, contudo existem e teem uma importância relativa.

¹ Gilbert Ballet—*La langage interieure et les diverses formes de la aphasie.*

² Paulhan—*La langage interieur.*—*Revue de philosophie.* Janvier, 1866.

³ Ballet, op. cit.

Quando nós visitamos uma fábrica, por exemplo, ficam-nos, além das imagens visuais das máquinas, a imagem do ruído que elas faziam. Em criança visitei pela primeira vez uma fábrica de energia eléctrica e ainda tenho na memória o ruído formidável que tanto me impressionou. Contudo, evidentemente, não vamos fazer reflexões, servindo-nos das imagens auditivas que nos deixaram os objectos.

Entre estas imagens, merece menção especial a dos sons musicais que confina com a das palavras. "Num grande número de crianças os sons musicais instalam-se antes das palavras." (Ballet)¹. Assim não admirará que um indivíduo tendo perdido todas as imagens conserve ainda a musical, o que está em harmonia com a lei da regressão da memória enunciada por Ribot. Êste facto observa-se em alguns afásicos.

Também alguns idiotas alalos cantam. Existe no hospital do Conde Ferreira, um idiota microcéfalo, alalo que canta os primeiros compassos da canção popular *Rosa tirana*, e, facto curioso, pronuncia as palavras da canção o que lhe é impossível noutras condições.

Continuemos no estudo da palavra interior.

• Como a voz que nós ouvimos mais vezes é

¹ Ballet, op. cit.

a nossa, a palavra interior reveste de ordinário os caracteres da nossa própria palavra, o seu timbre e o seu ritmo» (Ballet) ¹. Mas quando a palavra é de outro indivíduo, nós ouvimo-la com o timbre dêsse indivíduo. Comigo até sucede outro facto: é que eu posso ouvir interiormente o timbre da voz de uma pessoa sem ouvir distintamente palavras. Esta recordação do timbre de uma voz é tão forte, que me tem sucedido encontrar-me com pessoas que há muito tempo não vi, as quais eu só reconheço pelo timbre da sua voz.

Cada indivíduo comporta-se de diferente maneira em presença de uma sensação auditiva idêntica.

Três pontos examinaremos sucessivamente:

1.^o A facilidade com a qual o cérebro retêm a sensação sob a forma de imagem;

2.^o A aderência de esta imagem, quere dizer, a sua duração, a sua persistência, se ela não é reforçada por sensações novas;

3.^o Enfim, a vivacidade muito variável das sensações auditivas» (Ballet) ².

Os dois primeiros pontos são do conhecimento de toda a gente. Toda a gente conhece as dife-

¹ Ballet, op. cit.

² Ballet, op. cit.

rentes aptidões para fixar qualquer coisa ou para o reter depois de a ter fixado. A aderência das imagens pode ser muito grande; é sabido que Beethoven compôs algumas sinfonias, estando completamente surdo.

A vivacidade das imagens auditivas varia muito.

“Quando eu escrevo uma scena, dizia Legauvé a Scribe, eu oiço; o senhor vê; em cada frase que eu escrevo a voz do personagem que fala fere o meu ouvido. O senhor é todo o teatro, os seus actores marcham, agitam-se sob os seus olhos; eu oiço, o senhor vê. Nada mais justo diz Scribe: çsabe onde estou quando eu escrevo uma peça? No meio da plateia„ (Bernárd) ¹.

Estes dois escritores eram muito diferentes quanto à intensidade das suas imagens auditivas: um era um auditivo, o outro um visual. No primeiro as imagens verbais auditivas sobrelevavam de uma maneira absoluta todas as outras.

Se lhe viessem a faltar as imagens auditivas, êle não poderia exercer a sua actividade intellectual, sem substituir essas imagens por outras, visuais, por exemplo.

Segundo Ballet ² o tipo auditivo é mais fre-

¹ Bernard — *De l'aphasie*.

² Ballet, op. cit.

quente dos tipos exclusivos. Segundo Binet ¹ o mais freqüente seria o visual.

Entremos agora no estudo das imagens visuais.

Da mesma maneira que para as imagens auditivas, não podemos guardar das sensações visuais passadas, imagens distintas ou confusas, variando de indivíduo a indivíduo.

“Estas variações não são sem dúvida estranhas ao sentido e à importância que se pode dar a certas discussões filosóficas, como a de Locke e Berkeley sobre a existência e a natureza das ideias abstractas. Locke dizia que nós possuímos a ideia geral do triângulo, ideia que não é nem a de um triângulo rectângulo, nem a de um triângulo com ângulos agudos e obtuso, nem a de um triângulo equilátero, nem a de um triângulo escaleno, mas a ideia de nenhum e de todos estes triângulos ao mesmo tempo. Ao que Berkeley respondeu: Se alguêm tem a faculdade de representar mentalmente êsse triângulo, é evidentemente inútil contradizê-lo; e eu assim farei. O que eu peço aos meus leitores, é que se examinem a fundo e com precisão. ¿Teem ou não esta ideia?”

Até aos últimos tempos, muitos filósofos acreditavam na existência de um espírito humano pro-

¹ Binet — *Psychologie du raisonnement*.

tótipo de todos os espíritos individuais, o que lhes fazia emitir proposições gerais de valor universal sôbre as faculdades e em especial sôbre a "Imaginação.". Mas, recentemente, numerosas experiências abalaram estas ideias. A «Imaginação» é um mito: Não há senão imaginações, que é preciso estudar» (Willian James) ¹.

Galton ² fez um inquérito sôbre as imagens mentais, fazendo circular um questionário em que perguntava se era possível representar por uma visão externa um almoço servido. É interessante o que sucedeu com as respostas:

Enquanto os maiores sábios, a que êle se dirigiu, recusavam acreditar em que isso fôsse possível, pessoas pouco instruidas, mulheres sobretudo, deram respostas interessantes.

William James ³ fez um inquérito semelhante, publicando duas respostas de 2 estudantes, um visual, outro não. Diz o bom visual:

"Eu tenho da mesa onde almocei uma imagem que pode ou aparecer-me apagada e sombria, ou viva e brilhante; apagada, quando quero examinar com os olhos abertos sôbre o mundo exte-

¹ William James — *Précis de psychologie*. Traducção francesa.

² Galton — *Inquiries into human faculties*.

³ William James, *op. cit.*

rior; viva e perfeitamente nítida, quando a represento com os olhos fechados. Eu percebo imediatamente todos os objectos com nitidez; entretanto a minha atenção, fixando-se sôbre um deles, torna-o muito mais distinto ainda. Eu lembro-me muito melhor das côres do que de qualquer outra coisa; se, por exemplo, tivesse de me lembrar de um prato com flôres pintadas, poderia reproduzir as suas tonalidades exactas num desenho, etc.

Todos os objectos da mesa se apresentam com côres de uma vivacidade perfeita. A minha memória visual tem uma extensão quási ilimitada; eu posso vêr os quatro lados de um quarto, ver dois, três, quatro quartos e mesmo mais, e bastante distintamente para que possa sem hesitação contar-lhe as cadeiras ou dizer-lhe o que se encontra em tal ou tal lugar de uma de entre elas, etc. Á medida que eu leio e releio uma página para a saber de cor, os caracteres tipográficos imprimem-se na minha memória. Mesmo antes de poder recitar, vejo as linhas, e poderia, procedendo com lentidão, reconstituí-las palavra por palavra; mas então eu absorvo-me de tal maneira a decifrar os caracteres, que perco o sentimento das palavras que digo e dos sentidos que elas podem ter.....”

A outra observação do que é pouco visual diz:

“Depois do que eu sei da imaginação dos outros a minha parece-me ser sem fôrça nem extensão,

com eu não sei quê de singular. Quando quero lembrar-me de um acontecimento qualquer, eu não procedo procurando imagens distintas mas por uma espécie de evocação, panorâmica, pela qual eu só chego a apanhar os detalhes delicados através de um nevoeiro espesso.

Eu não posso, com os olhos fechados, encontrar a imagem distinta do que quer que seja; podia há alguns anos, mas perdi essa faculdade progressivamente. Nos meus sonhos mais nítidos, da mesma maneira as imagens que me aparecem tão visíveis como as percepções, ficam muitas vezes indistintas e obscuras, devido a não sei que perturbação de visão interna. Para dizer uma palavra da mesa do almôço, eu não vejo nada nítido; tudo é vago e não poderei dizer exactamente o que vejo”

Êste contraste mostra as variações de intensidade das imagens visuais. Mas ainda há maiores diferenças. Poucas pessoas haverá que não sejam visuais num certo grau. Ballet¹ diz mesmo que todos somos visuais, contrariamente a James² que afirma haver pessoas completamente desprovidas dessa faculdade.

¹ Ballet, op. cit.

² W. James, op. cit.

A faculdade de visualização varia com as raças, a idade e o sexo.

Segundo Galton ¹ os franceses teem essa qualidade em alto grau, assim como as crianças. Segundo o mesmo autor, há talvez crianças que passam anos de dificuldade a distinguir o subjectivo do objectivo, isto é, as sensações das imagens.

O poder da visualização entra em larga escala em várias profissões, assim por exemplo não se comprehende um pintor que não seja um bom visual. Pode conceber-se uma inteligência brilhante, com fraco poder de visualizar como por exemplo Taine que era um fraco visual segundo êle mesmo declara.

Temos estudado as imagens visuais gerais, sem nos deter nas gráficas, ao contrário do que fizemos nas auditivas.

Contudo, também em determinados indivíduos, grandes visuais, estas imagens teem grande importância. Há indivíduos que falando leem as palavras como se estivessem escritas. Um doente de Charcot, cuja observação foi publicada por Bernard ², era um notável tipo visual. "A visão mental

¹ Galton, op. cit.

² Bernard — *Progrés Médical*. Juillet 1883.

dava-lhe ao primeiro apêlo, as representações dos traços das pessoas, a forma das coisas, com tanta nitidez, assegura êle, e intensidade como a realidade. ¿Procurava um facto relatado na numerosa correspondência escrita em muitas línguas? Encontrava-o logo nas cartas, que lhe apareciam na íntegra, com os menores detalhes, irregularidades e razuras da sua redacção. ¿Recitava uma lição quando estava no colégio ou um bocado de um autor favorito mais tarde? duas ou três leituras bastavam para fixar na sua memória a página com as suas letras, e êle recitava lendo mentalmente a passagem que queria.

.
A memória auditiva faltou-lhe constantemente e só apareceu nele em segundo plano. Nunca teve nenhum gôsto pela música„.

Êste indivíduo perdeu esta faculdade e uma profunda revolução se deu nele. Precisava então de procurar as suas cartas como qualquer outro e para fixar qualquer coisa necessitava repeti-la muitas vezes em voz alta exercitando assim a sua memória auditiva.

Cita-se um caso de um orador que explicava algumas hesitações nos seus discursos, por dificuldades de leitura do manuscrito que êle mentalmente tinha diante dos olhos.

O prof. Magalhães Lemos ¹ observou um caso em que uma melancólica ansiosa perdeu as imagens visuais. A doente exprimia assim o facto: "Quando eu pensava numa laranja, por exemplo, não podia vê-la mentalmente, mas palpava-a aspirava-lhe o perfume, e apreciava-lhe o sabor".

Esta perda das imagens visuais afligia-a imenso, empregando ela nas suas lamentações uma frase que eu não posso deixar de transcrever: "Porque não sou eu, meu Deus, como as outras doidas que podem vêr pelo pensamento os seus filhos! Esta doença é verdadeiramente atroz".

Passemos agora às imagens motoras. Um indivíduo que possuía estas imagens predominantemente, quando se recordar de um movimento quer do seu próprio corpo, quer estranho, essa recordação será acompanhada de sensações musculares. Era o caso de Stricker ², que era um grande motor e que primeiro pôs nítidamente em relêvo o papel das imagens motoras. Diz êle, que se imaginar um soldado em marcha parece-lhe ajudar a essa marcha, e, se suprime a sensação muscular o soldado parece-lhe paralizado.

¹ Magalhães Lemos — *Annales Médico-psychologiques*, Juillet — Août 1906.

² Stricker — *La langage et la musique*.

A êste assunto está ligada a discussão entre os que admitiam que a sensibilidade dos movimentos era a contestação da passagem nos nervos do influxo nervoso, isto é, centrífuga, e aqueles que admitiam que esta sensação vinha do músculo em acção, por consequência centríepta. Esta última opinião está hoje indiscutivelmente aceite.

Onde as imagens motoras teem uma grande importância, por assim dizer desconhecida até ao trabalho de Stricker, é na articulação da palavra. Stricker dava-lhe mesmo uma importância absoluta, provocando uma discussão com Paulhan.

Aquele afirmava que era impossível imaginar uma vogal, quando se pronunciava em voz alta outra "porque os mesmos músculos empregados na formação da imagem A devem servir à de U. Ora eu não poderei inerva-los simultaneamente„.

Paulhan fazia esta experiência perfeitamente: diz êle que pode pronunciando a vogal A imaginar toda a série das vogais.

A explicação desta discussão está em que Stricker é um motor e Paulhan um auditivo.

Se nós observarmos as imagens nos diferentes indivíduos, encontramos indiscutivelmente um grande número de motores. Já mesmo antes da obra de Stricker alguns autores se referiram a esta

particularidade: Bain ¹ diz que “são as imagens das articulações verbais que constituem a recordação de palavras a sua representação intelectual ou a sua ideia.

As imagens motoras gráficas são bem postas em evidência nos casos patológicos: agrafia. Estas imagens tem uma certa importância em determinados indivíduos.

Diz Binet: ² “Há pessoas que se lembram melhor de um desenho quando lhes seguiram os contornos com o dedo. Lecoque de Boisbaudran servia-se dêste meio, no seu ensino artístico, para habituar os seus discípulos a desenhar de memória; fazia-lhes seguir os contornos das figuras com um lápis segurado a distância com a mão, obrigava-os assim a associar a memória muscular à memória visual. Galton refere um facto curioso que vem em apoio disto: O coronel Montraff, diz êle, observou muitas vezes na América do Norte jovens índios que, visitando os seus quartéis, se interessavam muito pelas gravuras que lhe mostrava. Um deles seguiu com a sua faca o contôrno de um desenho contido na *Illustrated News*, dizendo que, desta maneira saberia melhor recortá-lo quando em sua

¹ Bain—*Le sens et l'intelligence*. Tr. française.

² Binet, op. cit.

casa. Neste caso, a imagem motora dos movimentos era destinada a reforçar a imagem visual: êste joven selvagem era um motor„.

Binet continua sugerindo que dêstes casos se poderiam tirar ensinamentos para aplicar à educação da criança. Talvez ela aprendesse melhor a ler e a escrever ao mesmo tempo.

Em certos casos, como nos surdos-mudos, estas imagens devem ter uma importância capital.

Uma outra ordem de imagens são as imagens táctis. Estas imagens, que na nossa vida intelectual teem indiscutivelmente muito menos importância que as acima referidas, revelam-se em certas circunstâncias. Sucedeu comigo um caso que passo a relatar.

Fui assistir uma vez a uma aula de operações, bastante incomodado por um facto de ordem moral que me tinha sucedido momentos antes. Quando se deu o primeiro golpe no cadáver, eu senti uma lâmina cortante penetrar na parte correspondente do meu corpo: era um braço.

Foi a excitação do meu psiquismo a causa da hipertrofia da imagem. Não lhe chamo alucinação porque não teve objectivação perfeita.

Os cegos devem pertencer ao tipo táctil e muscular e muito mais os cegos-surdos-mudos. Os indivíduos operados de cataractas congénitas, para reconhecer os objectos, apalpam-nos.

As imagens olfativas e táctis teem muito menos importância; contudo, certos estados patológicos põem-nas em relêvo, como nós veremos adiante.

Depois de falar de todas estas espécies de imagens e de estudar os efeitos da predominância de uma determinada espécie, formando tipos caracterizados, temos que nos referir aos indivíduos que se servem de várias espécies de imagens. Êste tipo que é o mais freqüente, é o que se chama o tipo indifferente.

Qualquer que seja a imagem, ela corresponde sempre a sensações renascentes e como tal tem uma certa semelhança com elas, semelhança que, aumenta em determinadas circunstâncias: a sensação recente muito intensa, etc. Por vezes mesmo succede que a imagem é acompanhada das mesmas emoções que a sensação. Há indivíduos que teem esta propriedade em larga escala, como por exemplo, Berlioz, citado por Paulhan ¹.

As imagens teem tendências a exteriorizar-se, sendo contrariadas nessa tendência pelas sensações. Maury ² provocava alucinações hipnagógicas, antes de adormecer, pensando num determinado objecto

¹ Paulhan — *La fonction de la mémoire et le souvenir affectif*.

² Maury — *Sommeil et rêves*.

e fechando os olhos. O estado de inatenção que precede o sono, suprime em parte as sensações e as imagens exteriorizavam-se. Comigo sucedeu, depois de uma grande fadiga física, vêr num jornal umas manchas amarelas, como costumam aparecer nos jornais velhos, mas bastou olhar atentamente o jornal, para essas manchas desaparecerem: A sensação entrou no seu papel de correctora.

Outra qualidade da imagem é o seu renascimento maior ou menor. Inluiu nesse renascimento a época mais ou menos próxima da sensação, a sua intensidade, o interêsse que despertou, etc.

Contudo sucede muitas vezes nós guardarmos no espírito recordações insignificantes sem sabermos o motivo. Pode procurar-se nos processos de associação. Há no espírito uma verdadeira *selecção do mais forte* entre as recordações, triunfando as que melhor dotadas são. Esta desapareição de imagens é absolutamente precisa para a boa saúde do espírito: imagine-se o que seria "se para atingirmos uma recordação longínqua, nos fôsse preciso seguir a série inteira dos termos que nos separam dela," (Ribot) ¹.

E continua Ribot:

"Chegamos pois a êste resultado paradoxal

¹ Ribot — *Les maladies de la mémoire.*

que uma condição de memória, é o esquecimento. Sem esquecimento total de um número prodigioso de estados de consciência e o esquecimento momentâneo de um grande número, nós não poderíamos recordar-nos. O esquecimento, salvo em certos casos, não é pois uma doença da memória mas uma condição da sua saúde e da sua vida. Nós encontramos aqui uma analogia perfeita com os dois processos vitais essenciais. Viver é adquirir e perder; a vida é constituída tanto pelo trabalho que desassimila como pelo que fixa. O esquecimento, é a desassimilação».

¿Mas desaparecerão as imagens completamente do espírito? Há quem diga que não. Na realidade, alguns factos veem em favor desta ideia; são as recordações de factos, que pareciam desaparecidos, e que, determinados por factores patológicos, ou mesmo espontâneamente se dão no nosso espírito. Citam-se imensos casos de indivíduos que em criança falaram uma determinada língua, e que deixando de a falar durante muitos anos por mudança de terra, por ocasião dum delírio febril, perto da morte ou noutra circunstância, começaram a falar essa língua. E semelhantemente a estes muitos outros casos se citam.

Spencer ¹ indica os centros corticais sensoriais

¹ Spencer — *Principes de psychologie*.

como sede presumível das imagens. Binet ¹ retoma essa opinião afirmando-a diz êle com provas na mão. Essas provas foram-lhe dadas pelas experiências em históricas hipnotizadas. Os factos em que êle se baseia são:

Sugerindo uma alucinação a uma histórica com acromatopsia essa alucinação não é corada. Sabe-se, por vários trabalhos (Féré) ² que há a mesma localização cerebral para a sensibilidade especial e geral dos órgãos dos sentidos. Ora, sugerindo numa histórica hipnotizada uma alucinação visual, ela apresenta disestesias das membranas externas do olho.

Uma delas dizia que "tinha como areia nos olhos".

A terceira prova mostra experimentalmente que sensação e imagem tem a mesma sede e indica essa sede. Quando se sugere uma alucinação e se procede à *transferência psíquica* pelo íman êste fenómeno é acompanhado por dores em pontos fixos que correspondem àqueles que estão determinados pelos estudos anatomo-clínicos como sendo os centros sensoriais.

Esta opinião foi aceite universalmente e ainda

¹ Binet, op. cit.

² Féré — *Troubles fonctionels de la vision*.

o é por muitos autores; contudo graves objecções se formulam contra ela. "Psicológicamente, as distinções entre sensações e imagens mnemónicas são numerosas e profundas:

— Enquanto a eficiência das primeiras cessa pela falta do estímulo exterior, a das segundas prolonga-se indefinidamente;

— Enquanto as primeiras teem um carácter objectivo, as segundas por mais vivas que sejam, nunca perdem para nós o carácter de subjectividade;

— enquanto as primeiras reproduzem exactamente as coisas, as segundas não são senão aproximações, mais ou menos nítidas, mais ou menos felizes, mas sempre imperfeitas da realidade (Philippe);

— enquanto as primeiras correspondem a relações especiais determinadas e inflexíveis, as segundas teem localizações de certo modo arbitrarias;

— enquanto as primeiras teem uma acção evidente sobre as segundas, o curso destas não exerce influencia sobre as sensações;

— enfim, enquanto as sensações (estados fortes de Spencer) são capazes de inibir as imagens mnemónicas (estados fracos), estas não inibem aquelas" (Júlio de Matos) ¹.

¹ Júlio de Matos—*Elementos de psiquiatria*.

Continua o ilustre psiquiatra dizendo que estas diferenças já são a favor de uma sede diferente, porquanto se imagens e sensações tivessem a mesma sede, a distinção entre objectivo e subjectivo não se faria tão rápidamentee, como succede no adulto normal. Mas os factos de ordem fisiológica são ainda mais demonstrativos.

“É sabido que uma lesão destrutiva do centro visual de um dos hemisférios implica o fenómeno de hemianopsia: os objectos apparecem ao doente partidos ao meio. Todavia, o hemianopsico mantém e conserva inteiras as suas imagens mnemónicas. É sabido ainda, que a cegueira cerebral, produzida pela destruição dos dois centros corticais da visão, não implica a perda das imagens mnemónicas. Estes dois factos são absolutamente inexplicáveis dentro de uma teoria que às imagens representativas assinala a mesma sede. Se as duas ordens de fenómenos fossem tributárias dos mesmos centros, elas haveriam, evidentemente, de seguir as suas vicissitudes.

.....
Mas por outro lado as percepções ou ideias, enquanto símbolos gerais e abstractos de coisas ou símbolos dos símbolos, para me servir da expressão do ilustre professor italiano ¹, pressupõe ainda

¹ O autor refere-se a Tanzi.

centros de ordem mais elevada, os centros ideativos, de provável localização no lóbulo prefrontal (Bianchi, Grasset, Brissaud).

De facto, a suprema função raciocinante e de *contrôle*, exercida por esses centros, obriga-nos a conceder-lhes uma sede diversa da ocupada pelos centros imagéticos ou de representação, de produtos particulares e concretos. (Júlio de Matos).

Veremos adiante as ideias de Tanzi, sobre as relações entre o centro das imagens e o sensorial.

William James ¹ também segue a opinião de uma única localização e explica a facilidade com que nós distinguimos a sensação da imagem, apesar de terem a mesma sede, da seguinte forma: "É a associação que acorda as nossas imagens, sempre sugeridas por alguma ideia ou por alguma sensação; e a associação é certamente devida a correntes que passam dum centro cortical a outro.

Desde então, basta-nos, para explicar a diferença entre as imagens e as sensações, supor que estas correntes intracorticais são impotentes para produzir nas células as fortes explosões que produzem as correntes vindas dos sentidos, sem que haja necessidade de recorrer a uma separação local dos centros. Uma explosão forte assegura às represen-

¹ James, op. cit.

tações caracteres de "vivacidade," e de "presença real," uma impressão fraca impregna-as de "pouca nitidez e de irreabilidade objectivas".

Um facto interessante também apresentado pelo atuer e que é largamente tratado por Binet é o aparecimento de imagens consecutivas negativas de objectos simplesmente imaginados interiormente ¹. Êste facto parece provar que a retina também é interessada na produção da imagem.

Esta experiência é para considerar, pois indicar-nos hia que não só os centros sensoriais são postos em jôgo na produção da imagem, mas também os próprios órgãos sensoriais e contudo ninguém se lembrará de dizer que a sua sede é nos órgãos dos sentidos.

Algo mais poderíamos dizer sôbre a imagem mas a índole do nosso trabalho não o comporta e por consequência pomos ponto dando início ao estudo da percepção.

¹ Para obter uma imagem consecutiva podemos, por exemplo, servir-nos de um círculo vermelho, fixa-lo durante um certo tempo e depois olhar para um papel branco. Quando a imagem complementar se produz, vê-se um círculo verde. Esta experiência não se dá com toda a gente. Mais fácil é por exemplo o que se dá com o sol; se nós olharmos para êle e depois para um muro vemos um círculo escuro.

CAPÍTULO II

A percepção

A palavra percepção é geralmente de um sentido um pouco vago, sendo confundida com sensação. Para a observação vulgar a percepção é um fenómeno simples pouco diferente da sensação. Já alguém comparou a percepção de um objecto à impressão na chapa de uma máquina fotográfica. Nada menos verdadeiro.

A sensação pura é impossível no adulto, pois, sempre que um objecto fere os nossos sentidos, a sua impressão é transmitida ao cérebro onde faz aparecer recordações e associações. As sensações constituem os primeiros acontecimentos da consciência. O recém-nascido, quando pela primeira vez se põe em contacto com o mundo, recebe uma sensação pura e só assim ela se pode obter.

Quando nós olhamos para um objecto, como

dissemos, a sensação que êle nos dá desperta no espírito os resultados das experiências passadas.

Alguns exemplos nos mostram que em toda a percepção o espírito junta alguma coisa às sensações. Toda a gente sabe que num teatro se ouve melhor as palavras de um canto de que nós conhecemos a letra, do que quando esta nos é desconhecida.

As definições dos psicólogos estão em harmonia com esta doutrina. Assim James ¹ define a percepção como "a consciência do objecto imediatamente presente ao órgão sensorial.". Como se compreende, esta consciência nunca terá limites precisos de forma que ser-nos há sempre muito difícil fazer uma demarcação nítida entre o objecto nú e o objecto enriquecido com as suas relações.

Todo o objecto concreto é um composto de qualidades sensíveis que nos foram conhecidas por diferentes experiências; umas são predominantes, formam os elementos essenciais do objecto, as outras são secundárias. E serão as predominantes com que nós representaremos o objecto. Assim, quando nós vemos num campo, uma casa isolada rectangular a uma certa distância, nós dizemos sem hesitação que é uma casa rectangular e con-

¹ James, *op. cit.*

tudo nós não vemos os seus ângulos diedros rectos, mas sim agudos e obtusos como no-los apresentaria um pintor se a quisesse pintar. E é a experiência que nos faz chegar a êste resultado. "A natureza, como diz Reid, é avara dos seus dons, e não dispenderia um instinto para nos dar um conhecimento que a experiência e o hábito nos podem adquirir sem êle. Assim a minha percepção actual da minha secretária é toda feita de attributos actualmente sentidos, e de attributos outrora sentidos e agora reproduzidos, e compostos com outros — na unidade um objecto tendo um nome. É precisa às crianças uma longa educação dos olhos e dos ouvidos antes que possam perceber as realidades que percebem os adultos. *Toda a percepção é uma percepção adquirida.*" (James) ¹. Como confirmação a este facto é interessante o que succede às crianças que muitas vezes estendem a mão para pegar em objectos distantes, como por exemplo a lua.

Temos visto que o espírito junta alguma coisa à sensação para percebermos um objecto. ¿Mas que será essa alguma coisa? É a imagem, e por isso é que nós nos referimos a ela, nas páginas anteriores. Diz Taine ², querendo pôr em foco a

¹ James, op. cit.

² Taine, op. cit.

importância da imagem na percepção, que toda a percepção é uma alucinação. Mas estas imagens que se juntam à sensação não ficam por assim dizer justapostas; nós não poderemos distinguir numa percepção as sensações e as imagens, mas ela forma um único acto psíquico tendo operado a fusão dos dois elementos e sofrendo as suas variações.

Nós podemos ver a transformação que as sensações sofrem, quando determinadas imagens se lhe juntam. Vamos tirar um curioso exemplo da *Précis de psychologie* de James a que já muito nos temos referido. Pode-se ler e reler as três palavras alemãs Wief, Lamp, Röhre¹, que não se encontrará a sonância do célebre grito — *Vive l'Empereur* —; contudo, basta que se leiam, procurando-lhe essa sonância para tudo se transformar.

Muitos outros factos poderíamos citar, como por exemplo, a impressão variada que nos pode dar um desenho segundo a maneira como o olhamos. Podemos observar isto em certos mosaicos ou melhor nesses quebra-cabeças em que uma fi-

¹ Os soldados Westfalianos do grande exército, utilizavam-nas para aprender a aclamar Napoleão na sua língua que eles ignoravam (Wief é uma forma dialéctica de Weib). — Nota do tradutor francês do livro de James.

gura humana ou um animal está pintado, disfarçado por outros desenhos e se trata de o descobrir.

Delboeuf ¹ fêz uma interessante experiênciã em que mostrou que a sensaçã de uma cõr pode assentar sôbre um acto de pensamento. Praticam-se na janela de uma câmara escura duas aberturas, uma A fica sem nada, na outra B coloca-se um vidro vermelho, de maneira que se recebe sôbre a parede oposta uma mistura de luz branca e vermelha. Se se colocar uma vara em frente das aberturas, serã projectadas duas sombras: uma *a* que não recebe luz branca e outra *b* que não recebe luz vermelha. Ora nós vemos a parede vermelho-pálido, e a sombra *b* verde vivo. Esta falsa aparênciã é devida ao vidro vermelho, porquanto se êste fôr tirado, a falsa percepçã desaparecerá. Se se substituir o vidro vermelho por um verde, a sombra ficará vermelha. Quando se olha a sombra através de um tubo que não deixe ver os seus bordos, ela continuará a aparecer verde, mesmo que se tire o vidro ou se substitua por outro. Se se tirar o vidro vermelho e se olhar a sombra, ela aparece cinzenta e se nesta altura se coloca o tubo, a sombra *b* continua sempre a ser cinzenta, podendo colocar vidros à vontade.

¹ Delboeuf — *Le psychologie comme science naturelle.*

Delboeuf explica o fenómeno, dizendo que nós estamos exercitados a conhecer as côres através das modificações do meio ambiente. Assim nós sabemos julgar o verde através do vermelho. Fisicamente falando, o verde visto através do vermelho, parece cinzento, mas o nosso julgamento corrige o engano e como nós vemos aqui o cinzento através do vermelho, associamos inconscientemente o verde.

Um exemplo interessante da transformação das qualidades sensíveis nas percepções, obtem-se quando se olha uma paisagem com a cabeça para baixo. As distâncias e as proporções tornam-se incertas, mas as côres tornam-se mais nítidas, percebendo-se as suas *nuances*. As árvores, por exemplo, vão variando com a distância desde o verde à côr azulada das montanhas vistas de muito longe. Êste facto é do conhecimento de toda a gente: No castelo de Almada, os visitantes nunca deixam de fazer a experiência, vendo Lisboa, por entre as pernas.

É claro que nas percepções varia muito o papel do espírito, indo estas desde os actos simples, roçando pelos reflexos, até a actos complexos semelhantes ao raciocínio. Quanto mais intensa e mais simples fôr a sensação, mais longe do raciocínio a percepção se encontra.

James Sully ¹ descreve 3 graus de percepção: Em primeiro lugar, a forma mais simples é a percepção simples do objecto; em segundo lugar, integração numa classe particular; em terceiro, o reconhecimento como um determinado. "Chegados a estas últimas fases da percepção, diz Sully, nós tocamos o limite comum da percepção e da inferência. Reconhecer um objecto como pertencendo a uma classe, é muitas vezes trabalho de reflexão consciente e de julgamento, mesmo que esta classe seja constituída por qualidades materiais de primeira evidência, e que podem ser consideradas como imediatamente apreendidas pelos sentidos..

Como se vê, a percepção passa do geral ao especial. Assim, quando nós vemos um indivíduo a grande distância, percebemo-lo primeiro como um corpo sólido depois como um ser vivo, como um homem, e finalmente como um tal sujeito que nós conhecemos.

Binet ², segundo o seu método da experiência hipnótica, procurou provar isto experimentalmente:

Diz êle: "Num dos nossos *sujets* fizemos a experiência de anestesia sistemizada. Fizemos esta experiência com Féré W. estando adormecida,

¹ James Sully — *Illusions des sens et de l'esprit*.

² Binet, op. cit.

sugeriu-se-lhe que quando acordasse não mais veria Féré, mas que poderia ouvir-lhe a voz. Quando acordou, Féré colocou-se deante dela; ela não o viu; êle estendeu-lhe a mão, não fez nenhum gesto. Ela ficou tranqüilamente sentada na sua cadeira; nós assentamo-nos ao seu lado. Ao cabo de algum tempo, admirou-se de não ver Féré e perguntou por êle. Respondemos-lhe que tinha saído e que se podia ir embora. Féré colocou-se deante da porta. A doente levantou-se, despediu-se e dirigiu-se para a porta; no momento em que ella ia a tocar no puxador, chocou-se contra o corpo invisível de Féré. Êste choque inesperado fê-la tremmer; tentou novamente avançar, mas, encontrando a mesma resistência inexplicável, começou a ter medo e recusou-se a renovar a tentativa».

Enfim, a insensibilidade era completa, fazendo Féré algumas experiências interessantes. No fim da sessão não tornaram visível Féré, e quando 3 dias depois quiseram fazer cessar esta invisibilidade, observaram êste facto notável. "Primeiro foi constatado, no meio de grande surpresa, que a doente, não só deixara de ver Féré, mas tinha perdido toda a recordação dele, ainda que o conhecesse há cerca de 10 anos; ella nem se lembrava nem do seu nome, nem da sua existência. Depois de a ter adormecido, houve grande difficuldade em tornar Féré visível para os seus olhos; uma vez acordada,

ela tornou a ver enfim a sua pessoa, mas, coisa curiosa, não o reconheceu, e tomou-o por um desconhecido. O mais cómico foi vê-la zangar-se quando Féré se lhe dirigiu, tratando-a por tu. Alguns dias depois, a doente teve na sala um dos grandes ataques de histero-epilepsia a que está sujeita; êste ataque varreu completamente os últimos vestígios da anestesia, e desde então a doente reconheceu enfim Féré, sem pensar que durante quatro ou cinco dias, o tinha tomado por um estranho que visitava o hospital. Nós encontramos nesta experiência, uma aplicação interessante da *lei de regressão*, cuja importância foi mostrada por Ribot nas determinações e reconstituições da memória e que é em realidade uma lei de patologia geral„.

Como se vê, a volta da percepção desta mulher, fêz-se do geral para o especial: começou por ver Féré como um desconhecido e depois reconheceu-o.

Como acima digo, a percepção nas suas formas mais complexas chega ao raciocínio. A semelhança entre a percepção e o raciocínio revela-se por uma análise cuidada. É claro que a semelhança não é completa. Podemos expor a ideia como Binet: há no raciocínio em forma, caracteres essenciais que se encontram na percepção externa. Exemplifiquemos: Vamos comparar uma percepção com um silogismo. Seja a percepção de uma laranja e o silogis-

mo clássico. Todos os homens são mortais. Paulo é homem, Paulo é mortal.

Quando nós olhamos uma laranja, a sensação desperta um certo número de imagens que n^o-lo fazem reconhecer. Ouvimos ou pronunciamos memtalmente o seu nome, julgamos sentir-lhe o p^êso, o sabor, o g^osto, etc.

Façamos a comparação:

Primeiro, vemos que tanto no raciocínio como na percepção há o conhecimento indirecto e mediato. Da mesma maneira que nós afirmamos a morte de uma pessoa baseados na morte dos outros homens, assim também, é baseado na experiência passada, que nós dizemos que êste objecto é uma laranja.

Além disso, nós vemos que tanto um acto como outro necessitam de permissas. No raciocínio simples as permissas não se apresentam ao nosso espírito: assim, quando nós pensamos na nossa morte, nós não vamos fazer o raciocínio que devemos morrer porque toda a gente morre. Fundado nisto, Spencer admite que o silogismo não é o processo por que se atinge a conclusão, mas aquele pelo qual se justifica.

¿Que succede na percepção? Quando nós afirmamos que tal objecto é uma laranja, fundamo-nos nas experiências passadas. A permissa aqui seria: Todos os corpos esféricos com tal c^or, tal as-

pecto, etc., são laranjas. Aqui, como na maioria dos raciocínios, as permissas ficam, como se vê, inconscientes.

Mas há mais. Num raciocínio passamos do termo *todos os homens são mortais* para *Paulo é mortal* por uma relação de semelhança que nos é dada pelo termo: *Paulo é homem*. Na percepção dá-se um facto semelhante. Não nos basta que a impressão de uma côr amarelada faça associar experiências passadas, é preciso que nós lhe vamos encontrar relações de semelhança.

Spencer faz da percepção uma classificação, dizendo que "a percepção de um objecto é impossível, salvo sob, a forma de reconhecimento ou de classificação." ¹. Mesmo quando nós percebemos um objecto pela primeira vez, nós classifica-lo hemos como corpo sólido, como corpo vivo, como vertebrado, etc., embora não cheguemos a reconhecê-lo.

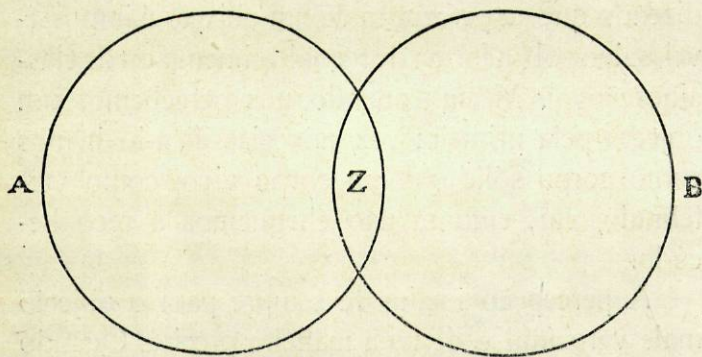
A percepção inclina-se sempre para o objecto mais verosímil e de uma maneira precisa. Quando a sensação pode vir de dois objectos, nós percebemos sempre algum e êsse é o mais verosímil. James enuncia uma lei, a que êle chama lei da consciência figurada, que resume estes factos: Todos os

¹ Spencer, op. cit.

processos cerebrais estão aptos a determinar a percepção de um objecto com desenho preciso, o que nós podemos chamar uma *consciência figurada*. Quando as vias nervosas interferem, fazem-no, dando origem a sistematizações coerentes. Utilizo-me do livro de James, dum esquema sugestivo.

A parte Z representa um grupo de processos cerebrais elementares comuns a A e a B; se por qualquer facto a corrente é mais fácil para B será êste sistema o percebido.

Não podemos concluir o estudo da percepção



sem estudar as ilusões normais, estudo que nos servirá quando abordarmos o das ilusões do domínio da patologia.

O mesmo esquema nos serve para êste estudo. Suponhamos que os 2 objectos A e B podem excitar a sensação Z, mas que no caso actual é A que

a excita; se Z evoca A temos uma percepção verdadeira, se evoca B será falsa. Sendo como é a percepção um raciocínio, a ilusão dos sentidos será um sofisma que consiste em tomar como uma lei absoluta uma regra aplicável a certos casos. Os chamados erros dos sentidos são na realidade erros da inteligência que interpreta mal os dados dos sentidos.

James divide as ilusões, quanto à sua causa, em 2 grupos:

1.º Ou o objecto percebido erradamente é a causa ordinária inveterada a mais verosímil de Z, sem ser, no caso presente a causa real.

2.º Ou, êle obseca actualmente a consciência, que é predeterminada a deixar-se fácilmente sugerir por Z.

Entre as ilusões do primeiro tipo temos uma muito conhecida. Consiste em fazer rolar uma pequena bola, que pode ser de pão, entre o indicador e o dedo médio cruzados. Nós temos a sensação de 2 bolas. Esta ilusão está explicada. Foi notado que se nós tocarmos nas partes correspondentes, nesta experiência, dos dois dedos a impressão do indicador parece ser mais alta e a do médio mais baixa, ainda que seja o contrário. O objecto é tocado por 2 partes dos dedos que nunca cooperam na percepção de um mesmo objecto e por consequência o objecto parece duplo.

É uma ilusão desta ordem a que nos é dada pelo estereoscópio, aparelho bem conhecido. Se nós invertermos as posições respectivas, não mais perceberemos um sólido saliente mas sim escavado.

Interessante é o que sucede com o pseudoscópio de Wheatstone que nos permite ver um sólido parecendo escavado, mas sómente se êsse objecto se puder apresentar sob essa forma. Assim nós não poderemos ver escavada uma cabeça humana.

Uma variedade de ilusões numerosas, conhecidas de toda a gente, são as ilusões do movimento. Todas as vezes que uma imagem se desloca na retina nós temos a sensação do movimento. Ora nós podemos iludir-nos, quer supondo que é o objecto que anda sendo os nossos olhos que se deslocam, quer supondo que somos nós sendo o objecto. Ambas estas ilusões se podem observar nos combóios, ou quando vamos no combóio em marcha, ou quando outro combóio numa gare silenciosamente desliza junto do nosso.

Outra ilusão causada pelo movimento consiste em os objectos colocados perto do combóio nos parecerem mais pequenos quando o combóio vai em grande velocidade. Eu transcrevo a explicação de James ¹ "o primeiro golpe de vista faz-no-los per-

¹ James, op. cit.

ceber muito próximos por causa da rapidez extraordinária da sua fuga paralélica para traz. Quando, com efeito nós avançamos, todos os objectos parecem deslizar para traz assim como nós dissemos; e parecem deslizar tanto mais depressa quanto estão mais perto de nós. Assim cria-se em nós uma aproximação entre a proximidade e a fuga rápida; de tal modo que, percebendo um objecto que desliza rapidamente, nós julgamos percebê-lo aproximado». E depois applicamos o tal sofisma de generalizar o que só se applica a certos casos, posto que à maioria, e a ilusão está constituída.

J. Sully ¹ descreve, com o nome de illusões passivas, uma série de illusões que cabem dentro desta divisão. Se nós carregarmos com o dedo sôbre a parte externa da pálpebra superior, veremos um anel luminoso situado para dentro e para cima, isto é, no lugar onde deveria estar o foco luminoso que costuma actuar sôbre o ponto da retina comprimida.

As illusões do outro tipo são também muito freqüentes posto que menos. Interessam-nos muito para o nosso estudo.

Quando nós temos a nossa imaginação cheia

¹ J. Sully, op. cit.

pela imagem de um determinado objecto, basta uma semelhança, ainda que às vezes muito pequena, para que o percebamos erradamente. Daí as ilusões do ouvido por exemplo, quando esperamos alguém e nos parece ouvir bater à porta, etc.

As ilusões teem por vezes a função de auxiliar a percepção: É o que se dá na leitura. Quando nós lemos um trecho numa língua que nos é familiar, nós não lemos metade das letras e a prova é que nós deixamos passar muitos erros tipográficos, o que não se daria no caso contrário. Algumas outras se podem referir tendo sempre por causa uma influência da imaginação e isto em todos os sentidos. Por exemplo nas táctis. Toda a gente tem sentido a impressão desagradável quando, distraidamente, às vezes, toca com os dedos numa migalha de batata supondo que é pão e como essa impressão se muda quando nos certificamos do que é.

Da mesma maneira para os outros sentidos. Entre as ilusões visuais tive eu uma ilusão interessante. Em frente à casa onde moro há uma outra, distante uns 40 metros, que é composta de 2 edificios, um mais alto e outro mais baixo.

O mais baixo é coberto por um terraço que comunica por uma porta com o outro. Essa porta, de cuja existência eu sei por ver lá entrar e sair gente, não se vê de minha casa. Estando eu à ja-

nela, em minha casa, vi, no lugar correspondente à porta um objecto vermelho como que pendurado na soleira. Êsse objecto pareceu-me uma dessas bilhas de barro vermelho, para a água, que teem 2 bicos. Mas a bilha mexeu-se de uma maneira estranha, como um corpo vivo e logo sob os meus olhos o objecto se transformou, parecendo um galo com a sua plumagem brilhante. Ora a presença de um galo naquele lugar chocava por pouco natural, de maneira que, com uma certa curiosidade, afirmei-me procurando saber o que era. Nova transformação se opera: era uma cabeça de mulher com um lenço encarnado. Mas, o notável de tudo isto, era a transformação que eu via fazer-se sob os meus olhos quando a minha percepção me indicava um novo objecto. Não me foi possível descobrir no fim como se tinha produzido aquela ilusão, pois a cabeça da mulher era bem visível e não se conseguia dali arranjar semelhança com um galo.

Para terminar vamo-nos referir ao que W. James chamou a faculdade de assimilação.

“O ideal das sciências, diz James ¹, é chegar a concepções tão adequadas e tão exactas que não haja nunca necessidade de as mudar. Todo o espirito é o teatro de uma luta eterna entre a tendência

¹ W. James, op. cit.

a imobilizar as ideias e a tendência a transformá-las; a nossa educação é um combate, renovado sem cessar entre o conservantismo e o progressismo. É-nos preciso marcar toda a experiência nova com uma rúbrica antiga; a questão está sempre em saber qual será a rúbrica melhor adaptada para receber o novo objecto, quere dizer, a rúbrica que precisar menos de ser modificada. Certos indígenas da Polinésia, vendo cavalos pela primeira vez, chamaram-lhe porcos; utilizaram assim de entre as suas rúbricas aquela que se prestava melhor à nova representação».

Isto que se deu com estes selvagens, dá-se com todos nós. É uma prova disso o que toda a gente diz quando vê um objecto que não conhece: parece-se com tal coisa. Esta frase é bem indicativa de uma nossa maneira de ser.

Nós não compreendemos o que é absolutamente novo e para uma coisa nos admirar é necessário que tenhamos medidas e conceitos para a avaliar.

Para termos uma compreensão do que sejam as distâncias interplanetárias, necessitamos de comparações variadas que são de todos conhecidas.

Conta Darwin que uns selvagens, quando das suas viagens, olhavam admirados para as chalupas, enquanto o grande navio lhes parecia uma coisa absolutamente natural.

Foi-me contado por um amigo um caso interessante: Uns indivíduos da aldeia, donde quasi não tinham saído, vieram ao Pôrto e percorreram a cidade, indo ver as pontes, o mar que nunca tinham visto, etc. Êsse meu amigo quis saber a impressão que lhes tinha produzido o extraordinário espectáculo do mar, as pontes, o movimento da cidade com os seus eléctricos, etc., e verificou que toda a sua admiração ia para o cavallo de D. Pedro com todos os seus detalhes anatómicos. Nada mais do espectáculo, que era para eles inteiramente novo, os chocou. O facto é idêntico ao que constata Darwin.

Os problemas de qualquer ordem passam despercebidos a quem não tem uns certos conhecimentos. Uma pedra cai porque cai, é a coisa mais natural do mundo; e foi preciso o génio de Newton, para que isso se apresentasse como um problema de que era necessário saber a causa.

Damos por findas as breves considerações que fizemos sôbre a percepção e entramos na sua patologia.

II PARTE

Ilusões e alucinações

CAPÍTULO I

Definições e variedades

A alucinação é um fenómeno conhecido desde a mais alta antiguidade e não pouca influencia tem tido na vida de certos individuos e mesmo na das sociedades. Grande parte das visões e vozes que vários iluminados tiveram de santos e outras potências divinas, devem ser aqui filiadas. Mas o seu estudo scientifico esteve por fazer até perto dos nossos dias. O primeiro estudo é de Esquirol, que apresentou a seguinte definição: "Um homem que tem a convicção de uma sensação percebida actualmente, quando nenhum objecto exterior próprio a excitar a sensação está ao alcance dos sentidos, está num estado de alucinação." ¹. Esta definição é com pequenas modificações, boa e ainda é clás-

¹ Esquirol — *Maladies mentales*.

sicamente admitida, sendo essa ideia expressa pela forma mais concisa e mais geral. A alucinação é uma percepção sem objecto.

Comparou-se uma alucinação à imagem de um objecto, mas essa comparação não é, pelo menos para o indivíduo normal, completa, pois a maioria de nós não consegue dar uma sombra de realidade ao objecto que imaginamos. Contudo, há sobre este ponto vários graus, estando em alguns indivíduos a imaginação mais perto da alucinação do que em outros. Mas o característico de uma alucinação, como diz Ballet¹, "é criar a aparência de um objecto exterior actual, que não existe em realidade.". Esta crença no objecto é absoluta e completa na maioria dos doentes, a ponto de muitos autores tomarem este facto como necessário para a concepção da alucinação. Assim, nós vimos que Esquirol na sua definição, fala em convicção da existência de um objecto que não existe. Da sua definição tira-se o corolário que não haveria alucinação quando o indivíduo não tiver a convicção da existência do objecto que a sua alucinação representa.

Da mesma maneira outros autores fazem entrar nas suas definições da alucinação, essa crença na existência do objecto. Esta maneira de ver, assenta

¹ Ballet — *Traité de pathologie mentale*.

em que, como disse, essa convicção da existência real do objecto é predominante na maioria dos alucinados. Um dizia a Leuret: "Oioço vozes porque as oiço; se quere que aceite como reais as suas palavras, deixe-me crêr também na existência das que me vêem não importa de onde, para mim tão sensíveis são umas como outras,"¹.

Ora esta crença absoluta na realidade das alucinações não é geral. Já vi mais do que um alucinado que não acreditava na realidade das suas alucinações, apesar de elas terem a maior objectividade. A causa destas diferenças é a diversidade do estado intelectual do indivíduo, o que não quere dizer que sempre que um indivíduo acredite na existência de uma alucinação, esteja com a sua razão mais perturbada do que outro que não a acredita; isto ainda depende da maneira de ser intelectual do indivíduo. Assim, eu observei uma rapariga, supersticiosa e sem ilustração, que acreditou na realidade objectiva de uma alucinação, interpretando-a como sendo o diabo. Essa criatura gosava contudo de uma perfeita saúde intelectual, nunca tendo mais nenhuma alucinação nem qualquer outro factio anormal.

É evidente que, se um indivíduo com uma

¹ Júlio de Matos — *Alucinações e illusões*.

certa cultura e não supersticioso acreditasse na realidade objectiva de uma alucinação semelhante, haveria todos os motivos para duvidar da integridade da sua razão.

¿O que succede no psicopata alucinado? Por via de regra as alucinações constituem um elemento harmónico dos seus delírios: o perseguido ouve vozes injuriando-o, o megalomano lisonjeando-o, o hipocondríaco vê caixões de defuntos, etc., de maneira que o espírito longe de fazer a verificação, quer pelos outros sentidos, quer pelo testemunho alheio, aceita como reais todos esses factos que veem corroborar as suas ideias dominantes.

Desta maneira de ver conclui-se que pode haver duas espécies de alucinações: aquelas que são reconhecidas como factos anormais e as que são aceites como representando objectos reais. Também do que fica dito se conclui que aqueles autores que põem como qualidade essencial da alucinação, a crença no objecto, só admitem a segunda classe e pensam que a alucinação é um estado que só se encontra na loucura. Assim Ritti ¹ diz "A alucinação é um elemento semiótico da loucura como a tosse o é das afecções pulmonares.". A observa-

¹ Ritti — *Theorie physiologique de l'hallucination.*

ção diz-nos que não é assim; basta citar as alucinações produzidas pelo ópio, pelas afecções febris, etc. Além disso temos as alucinações hipnagógicas a que eu já me referi e as quais fôram estudadas por Maury como atraz já disse. Mas mesmo podemos encontrar alucinações mais ou menos espontâneas, em indivíduos que nunca tiveram a mais pequena manifestação de uma perturbação mental. Eu conheço 2 casos: duas pessoas que tiveram uma alucinação que nunca mais se repetiu e gosaram e gosam a mais perfeita saúde mental.

Boismont ¹ chamou às alucinações do indivíduo normal, alucinações fisiológicas. Contra êste nome levantam-se vários autores (Júlio de Matos, Regis) pois não admitem que nesses casos não haja qualquer coisa de anormal no cérebro dêsses indivíduos.

Na verdade assim deve ser: A alucinação é sempre um acontecimento mórbido, posto que muitas vezes tenha pouca importância.

Podemos pois dizer que a alucinação é uma forma patológica da percepção, mas nem todas as formas patológicas da percepção são alucinações.

Uma outra forma da patologia da percepção é a ilusão. A diferença entre a ilusão e a alucinação

¹ Boismont — *De l'hallucination.*

foi bem estabelecida por Esquirol. Lasègue exprime a diferença entre os dois fenómenos dizendo: "A ilusão está para a alucinação como a maledicência para a calúnia. A ilusão é uma falsa percepção de um objecto. Já, no estudo da percepção normal, nós nos referimos às ilusões do indivíduo normal.

Muitas vezes as dos doentes não são mais do que as normais exageradas. A diferença entre a alucinação e a ilusão é muito atacada por vários autores, entre os quais Binet ¹, que identificam os dois fenómenos. Ainda voltaremos a êste assunto quando tratarmos das teorias.

Muitos autores dividem as alucinações em periféricas e centrais. As periféricas são aquelas em que o processo alucinatório tem como causa uma excitação da parte periférica dos órgãos sensoriais. "Essa causa, diz Ballet ², pode residir no aparelho sensorial ou encontrar-se fóra do indivíduo, no mundo exterior. Donde a divisão das alucinações periféricas em subjectivas e objectivas.

¿Existem alucinações puramente centrais? O facto é contestado.

¹ Binet — *L'hallucination* — *Revue de philosophie*. Avril et Mai, 1884. Binet et Féré — *Theorie des hallucinations* — *Revue scientifique*. Janvier, 1889.

² Ballet, op. cit.

Numerosos autores admitem que as alucinações exigem sempre, para se produzir, uma sensação vindo pôr em movimento o mecanismo automático dos centros nervosos (Ball). Na maioria dos casos de alucinação é impossível provar que não haja a menor parcela de acção exterior, contribuindo para produzir o efeito (J. Sully)„.

As divisões que temos apresentado não dão a ideia da grande variedade como êste fenómeno se apresenta. Como diz Ballet, podemos estabelecer uma espécie de hierarquia sob o ponto de vista psico-fisiológico. Tomemos para exemplo o ouvido: Assim como há 3 graus de percepção: Percepção auditiva bruta, percepção auditiva diferenciada e percepção auditiva verbal, assim também as alucinações podem apresentar estas três formas e ser: alucinações auditivas elementares, isto é, consistindo em sons brutos indefinidos, alucinações auditivas comuns, isto é, ruidos diferenciados referidos a objectos determinados e finalmente alucinações auditivas verbais quando o doente ouve palavras representando ideias.

A divisão mais adoptada é a que classifica as alucinações pelos sentidos. Por esta divisão ficam de fora um certo número de fenómenos alucinatórios, de maneira que acho melhor a que propõe Ballet: *alucinações sensoriais, motoras e cenestésicas*.

As sensoriais dividem-se, por sua vez, segundo os diferentes sentidos. Assim teremos as alucinações do ouvido, que são sem dúvida as mais frequentes e as mais importantes.

É nelas que mais facilmente poderemos ver as diferentes divisões que apresentamos. As mais complexas e também as mais importantes são as verbais. As palavras podem vir de vários pontos: do ar, debaixo da terra, do lado, etc. Podem apresentar timbres conhecidos ou desconhecidos; ser affectuosas ou injuriosas; podem exprimir-se em várias línguas, como sucedia naquele caso citado por Esquirol de um doente poliglota que tinha alucinações em várias línguas, sucedendo-lhe às vezes perceber-las mal porque eram numa língua que elle falava pouco.

Nalguns estados crónicos, o doente não pode pensar sem ouvir o seu pensamento repercutir-se para fora: é o que se chama *eco do pensamento*.

As alucinações visuais são também frequentes. Podemos aqui encontrá-las sob a forma de percepções elementares, fachoas, globos luminosos, manchas coradas, etc., ou sob a forma de percepções diferenciadas formando o grupo mais importante. Também existem alucinações verbais, como se comprehende, menos importantes que as auditivas correspondentes.

Os objectos que se apresentam são os mais va-

riados; homens, animais, figuras sobrenaturais, etc. As propriedades também variam: umas vezes desaparecem com os olhos fechados, outros é com eles abertos que tal desapareção se dá. Umas desaparecem por interposição dos objectos opacos, outras não. Citam-se factos de alucinações desdobradas por pressão no globo ocular.

Féré e Binet¹ collocaram um prisma deante dos olhos de uma histérica a quem tinham sugerido uma alucinação em estado hipnótico e a hipnotizada constatava o seu desvio, como se fôsse um corpo real.

Nas suas lições de psiquiatria, o Snr. prof. Magalhães Lemos referiu uma experiência que êle fêz também num indivíduo hipnotizado. Sugeriu-lhe uma alucinação: uma pomba pousada na borda da janela. Quando essa pomba se afastava, a pupila dilatava-se, contraindo-se quando se aproximava, exactamente o que sucederia a um objecto real.

As alucinações do gôsto e do olfacto são menos freqüentes e menos nítidas que as outras. Aqui, sobretudo, a dificuldade de distinção entre ilusão e alucinação torna-se muito grande. Nada mais difficil do que saber se os sabores desagradáveis ou cheiros nauzeabundos são interpretações erradas de

¹ Féré e Binet, op. cit.

sensações reais ou "percepções sem objecto". As alucinações táctis, pouco frequentes, encontram-se principalmente nos delírios tóxicos. Refiro-me às alucinações táctis activas.

Há uma outra classe de alucinações táctis, muito mais frequentes, que são as passivas: o doente sente picaduras, arrancamentos, etc. Estes fenómenos, diz Ballet, são muitas vezes confundidos e descritos com as perturbações da sensibilidade geral, mas o estudo clínico distingue-os. Quando são alucinações, o doente refere-os a objectos exteriores, quando são simples perturbações sensitivas, são referidas ao *eu*.

Cabem aqui as alucinações unilaterais, isto é, aquelas em que a percepção se dá por um só olho ou um só ouvido. Estas alucinações correspondem de ordinário a lesões do aparelho sensorial, quer periféricas (Regis¹), quer centrais (Magalhães Lemos²) e são precedidas de perturbações subjectivas no órgão onde elas se dão.

Também se descrevem, posto que sejam muito raras, alucinações bilaterais antagonistas: o doente, por exemplo, ouve por um ouvido palavras amigas e por outro injúrias.

¹ Regis — *Encephale*, 1881.

² Magalhães Lemos — *Encephale*, 1911.

Foram registadas outras alucinações um pouco diferentes destas: o doente ouve vozes nos dois ouvidos que apenas diferem pelo timbre. Neste caso notaram-se lesões num só ouvido. Nestas alucinações, de origem periférica, os dois sons percebidos ao mesmo tempo não vibram em unísono, parecendo duplas e arrastando assim o desdobramento da alucinação.

Depois de termos passado em ligeira revista as alucinações sensoriais, vamos passar às alucinações motoras.

Os alienados que teem vozes não as percebem de uma maneira idêntica. Umhas são sonoras, percebidas pelos ouvidos, as outras são desprovidas de som, não as ouvem mas sentem-se falar. O estudo das imagens motoras e a importância que elas teem em muitos indivíduos, leva à conclusão de que aqui se trata de alucinações motoras verbais. Diferentes provas, apresentadas por Ballet, corroboram a veracidade desta afirmação.

Os doentes não teem o ar de quem escuta, mas mexem os lábios parecendo falar o seu pensamento.

Se lhes pedem para escrever o seu pensamento, não ouvem e escrevem, mas pronunciam as palavras que hão de escrever. Estas alucinações podem variar de intensidade: o doente pode só ter a sensação das palavras pronunciadas sem movimentos

das articulações: é a *alucinação verbal quinestésica simples*; ou acompanhar-se de movimentos da articulação perceptíveis, seja só pelo doente, seja também pelo observador, são as *alucinações verbais motoras propriamente ditas*. Num grau mais elevado chega à *impulsão verbal*.

Estas alucinações podem associar-se com alucinações auditivas verbais dando uma alucinação verbal motora composta.

Nos casos ordinários, as alucinações verbais motoras são fáceis de reconhecer, mas outro tanto não sucede nalguns outros casos em que se não pode investigar o elemento muscular: são as vozes interiores, as palavras sem som que Baillarger¹ englobou sob o nome de alucinações psíquicas.

As alucinações motoras cabem dentro destas alucinações, mas há nas alucinações psíquicas algumas que os autores recentes (Lugaro, Hogen e Tanzi) chamam pseudo-alucinações das quais nem todas cabem dentro das alucinações motoras. Entre estas pseudo-alucinações, há as motoras e auditivas. Neste caso a imagem é insuficientemente viva para se exteriorizar e a voz parece resoar dentro do indivíduo.

Com as alucinações motoras verbais devemos

¹ Baillarger — *Recherches sur les maladies mentales*.

falar nas gráficas em que o doente tem a sensação de escrever.

Por último há as alucinações de movimentos do corpo, quer gerais, quer parciais.

Vamos agora referir-nos às alucinações cenestésicas.

Nestas alucinações o doente afirma, por exemplo, que tem os intestinos transformados em estopa, que tem uma cobra no estomago, etc.

Um problema se levanta em frente dêstes factos; é saber se elas pertencem às ilusões ou alucinações, isto é, se a sua causa é central ou periférica (isto para os autores que assim separam as ilusões das alucinações).

Numerosas autópsias teem revelado lesões nos órgãos dêstes indivíduos, mas outras mais numerosas ainda, são absolutamente negativas, daí a incerteza. Entre as alucinações cenestésicas merecem especial referência as genitais, em que os doentes teem desde as sensações mais vagas, até às de coitos completos, chegando a acusar determinadas pessoas de vários atentados, a ponto de algumas vezes provocarem a intervenção da justiça.

¿ Como é que nuns indivíduos predominam umas determinadas alucinações e noutros não?

Alguns autores (Júlio de Matos, Binet) admitem que êste facto está em relação com o predomínio das imagens nesses indivíduos: Um indiví-

duo bom auditivo teria alucinações auditivas e um bom visual tê-las hia visuais, etc. Por esta maneira de ver, os delírios de perseguição affectariam principalmente os auditivos, o delírio dos alcoólicos observar-se hia nos alcoólicos bons visuais, etc. Ora não se comprehende bem que isto assim seja.

Esta relação entre uma doença e uma classe de alucinações, leva-nos a admitir que outros factos devem contribuir para isso.

CAPÍTULO II

As teorias

As teorias científicas das alucinações podem dividir-se em 4 grupos.

1.º *Teorias psíquicas*.—Esquirol, que foi o primeiro autor que se ocupou dêste fenómeno, dava-lhe uma existência absolutamente psíquica. Dizia êle que as alucinações são “ideias reproduzidas pela memória, associadas pela imaginação e personificadas pelo hábito”. Afirmava que a alucinação era um fenómeno psíquico que se realizava independentemente dos sentidos.

Outros autores como Lelut, Boismont, Falret, Griesinger e outros, acataram esta ideia, desenvolvendo-a. Mas estas teorias, não indicando a natureza do processo mórbido, “são antes análises médicas do que teorias médicas” (Júlio de Matos) ¹.

¹ Júlio de Matos — *Alucinações e ilusões*.

Binet ¹, referindo-se à maneira de ver de Esquirol, diz que lhe não explica nada e que seria igualmente difícil provar que a explicação é verdadeira ou falsa.

2.^o *Teorias sensoriais*.—Fundados na existência de alucinações unilaterais na coexistência de lesões dos sentidos e nas alucinações que desaparecem quando os sentidos deixam de se exercer, alguns autores lançaram a *teoria sensorial*.

Segundo estas teorias, as alucinações seriam sempre dependentes de lesões dos órgãos dos sentidos.

Desta maneira os sentidos teriam contrariamente ao que pensam os autores precedentes, uma importância absoluta na explicação do fenómeno. A teoria sensorial foi principalmente defendida por Darwin, Sauvages, Foville e Plates. Muitos factos a contradizem, como sejam as alucinações visuais nos cegos, as alucinações sistemáticas e a correspondência entre o estado mental dos alucinados e as suas alucinações.

3.^o *Teorias psico-sensoriais*.—Aqui, como as palavras o dizem, entram nas explicações, o psiquismo e os sentidos. Há várias diferenças: para

¹ Binet — *De l'hallucination — Revue de philosophie*.
Avril et Mai, 1884.

umas pode haver alucinações de origem central e periférica, para outros há uma dupla intervenção da inteligência e dos aparelhos sensoriais.

Ambas estas maneiras de ver são perfilhadas por muitos autores modernos.

4.º *Teorias fisiológicas.*— Estas teorias são as que gosam de mais favor actualmente. Segundo elas, as alucinações partiriam dos centros sensitivos. Ainda se dividem em dois grupos, conforme o papel principal é atribuído às camadas ópticas ou ao cortex.

O primeiro grupo é principalmente defendido, fundado nos trabalhos de Luys, por Ritti e Poincaré. Estas ideias estão postas de parte, pois não se provou a importância das camadas ópticas nas localizações sensoriais.

O segundo grupo é consequência dos estudos que fixaram no cortex a sede dos centros perceptivos. Esta teoria foi pela primeira vez formulada por Tamburini¹.

Já anteriormente a êle, alguns autores vislumbraram esta teoria, mas foi êle quem verdadeiramente a estabeleceu.

Por esta teoria a causa das alucinações é a

¹ Tamburini — *Sulla genesi della allucinazioni* — *Rivista di Friniatria*, 1880.

excitação dos centros sensoriais. As alucinações seriam para as sensações, o que a epilepsia é para a motilidade. Dizia êle: "Do mesmo modo que a excitação mórbida de um centro motor produz fenómenos desordenados e intensos do movimento (convulsões), assim a excitação patológica dos centros sensoriais corticais deverá originar sensações falsas". A alucinação varia segundo o ponto em que a excitação se dá, sendo tanto mais simples quanto mais periférica é a lesão.

Esta teoria é quasi universalmente admitida, mas já sofreu ataques por parte de Tanzi. Os ataques baseiam-se em que a localização das imagens e das sensações são diferentes, de maneira que a teoria de Tamburini sómente explica as alucinações elementares, as únicas que podem ser produzidas por excitação dos centros sensoriais. Tanzi enunciou outra teoria em conformidade com estes factos. Além disso Tanzi faz duas objecções que reputa capitais, sendo esta opinião seguida por Júlio de Matos.

¿ Porque é que tendo a ideia delirante o poder de invocar uma imagem alucinatória, não o tem a ideia normal embora a sua intensidade e permanência sejam grandes?

Além disso os estímulos exercidos directamente sobre os centros visuais do cortex só dão meias imagens. Para que uma alucinação se produzisse

seria necessário que dois estímulos actuassem em cada hemisfério simultâneamente e da mesma maneira.

Para substituir esta teoria propõe Tanzi uma outra que eu passo a expor.

Apezar dos centros sensoriais serem duplos, nada se opõe, diz êle, a que os centros representativos sejam únicos. A falta de uma hemianopsia mnemónica parece indicar-nos isso. Essa unilateralidade corresponderia, segundo Tanzi, à lei de economia anatómica.

Estes centros mnemónicos estariam em comunicação com os centros sensoriais correspondentes. Para que uma alucinação se desse, bastaria que as fibras de comunicação, por um facto patológico, se deixassem percorrer no sentido oposto. Assim, uma ideia nascida na região associativa, em vez de se combinar com outra ideia, refluiria para o centro sensorial tornando-se sensação.

Esta maneira de ver é contrária à lei da *polarização dinâmica* como o próprio Tanzi reconhece; mas acrescenta que esta lei não é inflexível.

Apezar disso Tanzi dá outra explicação. Nos centros corticais há, além das fibras homo e contralaterais que seguem a direcção transcortical, fibras de chegada que descem dos centros superiores e teem uma função centrífuga.

Se uma irritação extraordinária torna estas fi-

bras mais largamente premeáveis, forma-se a alucinação. Eis nas suas linhas gerais o modo de ver de Tanzi.

Como se vê as teorias mais aceites são as que se apoiam sobre os dados de fisiologia cerebral. Mas, como muito bem faz notar Ballet, não se podem desprezar factores de ordem psicológica como a atenção, a crença, a memória, associação de ideias, etc.

Examinando as alucinações, nós vemos num grande número de casos, elas apresentarem-se de baixo de uma forma complexa que não se coaduna com a teoria demasiado simplista que faz delas o resultado da irritação dos sentidos.

Tanzi dá importância aos centros da ideação que por sua vez veem excitar os centros sensoriais, tornando-se de qualquer maneira essa marcha retrógrada possível e não entra com mais nenhum factor, do que com a maior ou menor permeabilidade das vias nervosas a essa passagem. Ora a análise da alucinação revela-nos que na grande maioria dos casos, elas estão em relação com o delírio que as precede.

Este facto mostra bem que a forma como a ideia se apresenta ao espírito é capital.

À interrogação de Tanzi como é que a ideia delirante pode gerar uma alucinação e a normal não, nós responderemos com outra pergunta ¿como

é que um neurasténico pode suggestionar-se sentindo os sintomas de uma doença e o indivíduo normal não? A resposta a uma é a mesma que à outra.

De resto Tanzi não explica como isso se dá nas ideias delirantes e não se dá nas normais.

Isto não quer dizer que os sentidos não tenham uma certa interferência, mas não representam a parte preponderante.

Vem agora a propósito falar nas experiências de Binet e Féré com histéricas hipnotizadas. Estes dois psicólogos fizeram várias experiências com histéricas, a que já me referi, sugerindo-lhes alucinações debaixo do sono hipnótico e estudando as suas propriedades. Assim, constataram que elas se comportavam como objectos reais, sofrendo desvios com os prismas, afastando-se e aproximando-se por meio dos binóculos, etc. Daqui concluíram que a alucinação era fundamentalmente uma interpretação errada de uma sensação exterior. Parece-nos, porém, que todos estes factos se podem explicar supondo a alucinação imediatamente relacionada com os objectos exteriores. Como dissemos, quando tratamos da percepção, nunca se pode perceber um objecto sem as suas relações. Neste caso o alucinado objectivando a sua alucinação, relaciona-a com os objectos que a cercam e faz-lhe partilhar das suas propriedades, afastando-a

quando elles se afastam, desviando-se quando ellas se desviam, etc.

Como diz Ballet, o estudo do mecanismo das alucinações motoras é particularmente interessante para nos mostrar quanto a frase de que a alucinação é a epilepsia dos sentidos, é exagerada. É fora de dúvida que ellas necessitam da intervenção dos centros motores, mas isto não basta; nós não poderíamos explicar como uma irritação simples dá umas vezes descargas convulsivas e desordenadas da epilepsia e outras, representações de movimentos complexos, sistematizados como os da articulação da palavra.

A acção da ideia na alucinação parece-nos capital, e muitos factos em que ella não se evidencia podem ter a sua causa na cerebração inconsciente.

Há na realidade alguns casos em que o delírio de um indivíduo parece começar por uma alucinação, mas se se procurar bem, talvez se encontre qualquer coisa que podesse dar-lhe origem.

Examinamos um indivíduo com um delírio polimorfo, de perseguição e hipocondríaco, cujo primeiro sintoma foi uma alucinação auditiva. Historiemos o caso. Êste indivíduo foi sempre desconfiado e ciumento. Algum tempo antes de lhe estalar a psicose, foi enganado por um amigo numa certa quantia. Sofreu grandes trabalhos e contrariedades para a obter. Pouco depois as ideias de ciume tor-

naram-se mais intensas e conjuntamente apareceram suspeitas de envenenamento por parte da esposa e sogra, mas tudo isto sem grande intensidade, procurando êle muitas vezes convencer-se do contrário.

Uma noite estava na cama, ouviu no andar inferior, uma loja, o ruído de alguém que arrastava um móvel e depois o sôpro de um fole. Levantou-se muito excitado, correu ao hospital para que o tratassem, pois estava envenenado com uns pós que lhe tinham metido por um buraco do soalho. Desde então estalou-lhe um delírio com suspeita de envenenamento e as alucinações repetiram-se sobretudo gustativas.

Mais tarde o delírio tornou-se fundamentalmente hipocondríaco e as alucinações tomaram êste carácter.

O que eu quero examinar são as condições em que se deu a primeira alucinação: Como vemos, foi depois de ouvir o sôpro de um fole por um determinado buraco do soalho, que a sua psicose evolucionou. Mas as ideias de desconfiança já existiam em parte nele; além disso a forma que revestiu a alucinação também é interessante para o nosso caso. Êsse buraco que existia no soalho já tinha uma certa importância na sua vida.

Uma vez ouviu através dele uma vizinha, comentando as suas ideias de ciúme, aconselhar a

que "se desfizessem dele". Isto incomodou-o muito. Ora é por êsse mesmo buraco que lhe sopram os tais pós. ¿Não haveria aí uma evolução da ideia no inconsciente? Podemos admiti-la, tanto mais que nós conhecemos factos em que uma ideia evoluciona fora da consciência de uma maneira complexa. Factos desta ordem são citados por Janet ¹ e Grasset ².

Parece-nos que há uma certa semelhança entre estes factos e aqueles que Grasset estuda com o nome de ideia fixa poligonal.

Diz êle, que fora das ideias fixas, conscientes, há umas outras de que o indivíduo não tem consciência, que evoluem nos domínios do inconsciente (polígono como êle diz segundo o seu esquema). Para as poder observar é preciso pôr o indivíduo num estado de desagregação. O melhor meio seria o hipnotismo.

É curiosa uma observação de uma doente de Janet.

Todos os meses à aproximação das menstruações ela muda de carácter, tornando-se sombria, violenta e apresentando dôres. A menstruação vem e passadas 24 horas pára bruscamente. A isto se-

¹ Janet — *L'automatisme psychologique*.

² Grasset — *Le psychisme inferieur*.

gue-se um grande arrepio, convulsões depois delírio com terrores. Janet hipnotizou a doente e conseguiu saber que aos 13 anos, quando pela primeira vez lhe apareceu a menstruação, ela julgou que a devia parar por meio de um banho frio. O sucesso foi completo, não tornando a ter menstruações durante 5 anos. Cada mês, evidentemente, ao aparecimento da menstruação a scena inicial reproduz-se de uma maneira inconsciente.

Ainda observei no nosso doente outro facto muito curioso.

Êste doente quando internado no Manicómio do Conde de Ferreira recebeu de casa uma roupa lavada e brunida. Entre essa roupa vinham 2 lenços um pouco húmidos e por brunir, sendo-lhe recomendado que os pendurasse à cabeceira da cama para secarem, pois não tinha havido tempo de o fazer em casa. Êle desconfiou de tudo aquilo e deixou-os ficar. Tempo depois, já mais sossegado, vai a pegar nos lenços e sente como que um *choque eléctrico*. Fêz depois a experiência na nossa frente e nós vimo-lo ficar alterado, tremendo, com a face congestionada, até que teve de os lançar fora.

Há aqui a notar que quando o doente pegou nos lenços e teve a falsa percepção, já estava menos desconfiado do que quando recebeu a roupa; contudo, só então êste facto se deu. A confiança do doente revelava-se em que repetia a experiência

quando se lhe pedia, sem receio algum. Também aqui me parece poder-se fazer intervir a cerebração inconsciente.

Mas tomemos outro exemplo: Um alcoólico teve um acesso com alucinações aterrorizantes, tendência agressiva, etc. Êste indivíduo foi trazido da sua terra para o Pôrto, tendo passado por várias casas cá no Pôrto. Depois de uma fase mais forte, ficou num certo estado de confusão mental, não se recordando bem do que tinha sucedido, misturando o real com as suas concepções delirantes durante êsse tempo. Mas entre o que êle contava, sempre de uma forma bastante confusa, havia um detalhe que nunca esquecia: era que tinha andado por baixo da terra. Com o seu estado de confusão coexistiam alucinações auditivas. Ouvia falar gente conhecida: uma senhora com quem queria casar e outras pessoas.

Entre essas pessoas ouvia principalmente um certo indivíduo com quem conversava sôbre a sua saída. Essa voz ouvia-a, sempre que nós o observamos, debaixo do chão. Parece-nos aqui haver uma relação entre a sua pretensa viagem sub-terrânea e esta alucinação, relação estabelecida também de uma maneira inconsciente.

Por último vou-me referir a um facto que é interessante, por se passar numa pessoa normal: Uma rapariga de 15 anos passando por uma azinhaga

com uma irmã, enquanto colhia amoras descuidosamente, viu saltar de entre as silvas para o meio do caminho, um velho anão com um penis monstruoso que êle segurava com a mão. Pouco depois desaparecia. Esta criatura refere isto 8 anos depois, acreditando na realidade da aparição, que ela supõe ter sido o diabo.

Tratei de me informar se teria havido alguma coisa que pudesse dar origem a êste facto. Conta ela que alguns dias antes, passando por um caminho, vira um pedinte masturbando-se, o que a fêz afastar-se apressadamente, impressionada e amedrontada.

Ora, há mais a notar que esta rapariga estava na puberdade: era menstruada havia pouco tempo. Foi aquela imagem tão brutalmente impressionante que caiu num cérebro excitado pela mudança profunda e misteriosa que estava fazendo, que evolucionou inconscientemente provocando a alucinação.

É claro que nós não damos uma explicação, não; o que queremos fazer notar é a importância de determinados factores psicológicos de que muitos autores se esquecem.

Num certo número de alucinações, por muito que se procure não encontramos esta influência da ideia quer de uma maneira consciente, quer inconsciente. Estão neste caso as alucinações da confusão

mental (alucinações oníricas de Regis), dos febris e das intoxicações.

O que caracteriza estas alucinações é o seu automatismo semelhantemente ao que se passa no sonho. As alucinações de um confuso são incoerentes assim como as de um febril. Parece que o doente não distingue o objectivo do subjectivo. O mesmo sucede em outras doenças.

Um epilético com perturbações psíquicas, internado no Manicómio do Conde de Ferreira, foi um dia encontrado com movimentos automáticos: fazendo e desfazendo cigarros, mexendo na roupa da cama, etc. Quando o médico o observava êle apontou para um canto do quarto e exclamou "olhe o gatinho, lá vai o gatinho".

Outro factor psicológico que tem importância na génese do fenómeno é a atenção.

Sobre este ponto diz Júlio de Matos¹: "Supos-se muito tempo que uma forte atenção exercida voluntariamente pelo espírito sobre um determinado assunto, principalmente de natureza emocional, constituia a mais favorável das condições genéticas da alucinação. A experiência demonstra precisamente o contrário: não, é quando o espírito se domina e pode orientar as suas próprias forças

¹ Júlio de Matos — *Alucinações e ilusões*.

num sentido determinado que os estados alucinatórios irrompem, mas quando as funções psicológicas se exercem de um modo automático ou independente da acção da vontade.

É, com efeito, nos sonhos, nas doenças febris, nos estados de intoxicação e nos delírios, precisamente quando o espírito se não governa ou menos se governa e a atenção é impossível ou mais froixa, que as alucinações de ordinário irrompem„.

Isto é absolutamente verdadeiro num certo número de casos. ¿Mas como se pode aplicar às alucinações que existem em melancólicos com toda a sua concentração interior numa ideia?

Uma melancólica apresentada pelo prof. Magalhães Lemos com ideias de suicídio via frequentemente caixões de defuntos. É facto que aqui a atenção é mais froixa, como diz Júlio de Matos, mas para o exterior; a atenção por assim dizer interior, a concentração é enorme nestes doentes. Factos idênticos se dão nos perseguidos.

De maneira que julgamos que, sob êste ponto de vista, há duas espécies de alucinações: As automáticas que teem como característico a sua incoerência e as dependentes da concentração numa ideia que teem como característica a sua lógica e a relação que se mantem sempre com essa ideia. Na realidade entre as alucinações múltiplas e complexas de um perseguido, que o acompanham toda

a vida sempre com o mesmo carácter, e as incoerentes de um febril parece haver uma grande diferença.

Na explicação das alucinações merecem especial referência as unilaterais. Sobre êste assunto publicou o prof. Magalhães Lemos um estudo no *Encéphale* cujas ideias eu transcrevo.

“Se fizermos depender todo o processo cerebral das alucinações da excitação mórbida—directa ou indirecta—dos centros sensoriais corticais, como o quer a teoria de Tamburini, e se considerarmos estricte e unicamente os dados anatomo-fisiológicos actuais, parece que a alucinação despertada por irritação da esfera auditiva de um hemisfério deve projectar-se para fora pelos dois ouvidos, porque êstes estão ambos em relação anatómica e funcional com a esfera auditiva de cada hemisfério. É o que se admite geralmente—nós veremos mais longe o que se deve pensar em vista das experiências de Brenner.

Soury, apoiando-se sobretudo na anatomia, não hesita em negar a existência das alucinações unilaterais—elas devem ser sempre necessariamente bilaterais. “Se se pensar, escreve o eminente crítico, no pequeno número de alucinações unilaterais que a ciência possui e nas condições em que as observações foram feitas na sua maioria, inclinar-nos hemos sem dúvida a pensar que antes de procurar

explicar um facto tam inexplicável como o das alucinações unilaterais, seria útil estabelecer se êle existe. Ora, êle não existe, porque não pode existir assim como a cegueira unilateral e cruzada por lesões centrais ou corticais do aparelho da visão..

As alucinações unilaterais eram fácilmente explicadas, na teoria clássica pelo entrecruzamento total dos nervos cuja existência se admitia: "A alucinação, diz Tamburini, será simples, unissensorial e unilateral quando a irritação fôr limitada a um grupo restricto de uma única zona sensorial e de um único lado..". Entretanto, logo que se mostrou que o cruzamento é parcial, e que por consequência, os centros sensoriais de um hemisfério não representam unicamente o aparelho sensorial periférico correspondente do lado oposto, mas também o do mesmo lado, negam-se na impossibilidade de as compreender anatómicamente.

E contudo, há uma hipótese anatómica que dá conta de tudo dentro das ideias actuais de exteriorização bilateral das alucinações auditivas por excitação cortical de um só hemisfério.

Com effeito, para interpretar e explicar as alucinações unilaterais auditivas verbais—sendo dado o cruzamento parcial do nervo coclear, geralmente admitido, que põe cada hemisfério em conexão com os dois ouvidos, e aceitando *à priori* que as alucinações exteriorizadas pela irritação da esfera audi-

tiva de um hemisfério se exteriorizam pelos dois ouvidos; sabendo ainda que as alucinações auditivas verbais exigem que seja posto em jôgo o centro de Wernicke, que se encontra no hemisfério esquerdo — basta admitir que o feixe directo e o feixe cruzado do nervo coclear possuem territórios corticais distintos, e conservam assim na sua distribuição última no cortex, a individualidade da sua origem, de tal maneira que cada um dêstes territórios teria com o ouvido correspondente uma relação constante e fixa».

Desta maneira ficaria explicado êste interessante assunto que mais complica o problema das alucinações.

Antes de encerrarmos êste capítulo, vamos referir-nos às ilusões. A explicação dêste fenómeno é muito mais simples.

O que dissemos respeitante às ilusões normais applica-se aqui.

As ilusões são freqüentes quer em indivíduos com a atenção dispersa, quer naqueles em que a atenção é concentrada. Ambos estes factos correspondem ao que dissemos.

As ilusões são muitas vezes precursoras das alucinações.

CAPITULO III

Alucinações autoscópicas

Devido às condições especiais dêste fenómeno e também à sua interpretação coloquei-o num capitulo à parte. Estas alucinações consistem em o indivíduo ver na sua frente a sua imagem. Briere de Boismont ¹ chamou-lhe deuteroscópicas e considerou-as como verdadeiras alucinações.

Não pensa da mesma maneira Sollier que estudou especialmente o assunto. Êste autor admite que o fenómeno é de ordem cenestésica, chamando-se autoscopia externa.

Vejam os alguns casos. Guy de Maupassant oferece um exemplo: "Estando sentado à mesa do seu gabinete de trabalho pareceu-lhe ouvir uma porta abrir-se. Voltou-se e não ficou pouco surpre-

¹ Boismont — *De l'hallucination.*

endido vendo entrar a sua própria pessoa que veio sentar-se em frente d'êlé com a cabeça encostada à mão, e se pôs a ditar o que êle esrevia. Quando acabou e se levantou a alucinação desapareceu, (Sollier) ¹.

José de Magalhães ² publicou uma observação de um destes casos. A doente conta assim as suas alucinações:

"Até hoje tem-me aparecido duas Beatrizes: uma grande, exactamente do meu tamanho, vestindo a mesma roupa que eu trouxe quando a vejo; a outra, é pequena, não tem mais que um palmo e também me aparece com roupa igual à que eu tiver. A Beatriz grande aparece-me de frente, ou do lado direito; é mais frequente do lado; sempre bem chegada a mim e conforme me vou virando para a ver, ela vira-se também. Por vezes dou-lhe com a mão para a fazer afastar e desaparece quando lhe bato, mas volta imediatamente. Naquele momento, não me lembro que ali não existe nada. Quando a vejo na frente atiro-me a ela e depois digo: estou tôla, não é ninguém.

A Beatriz mais pequena aparece à distância de

¹ Sollier — *Les phénomènes d'autoscopie*.

² José de Magalhães — *Alucinações autoscópicas* — *Anais científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto* — 2.^o volume.

1 ou 2 metros. Quando falo, elas mexem com os lábios, mas não as oíço.

Qualquer delas repete todos os movimentos que eu fizer; se mudar de roupa, elas mudam também; comem, bebem, choram e riem comigo. Tudo, excepto uma coisa: a grande passeia comigo, a pequena não..

José de Magalhães procurou indagar se o fantasma alucinatório desaparecia com a interposição de um objecto. Recebeu a resposta categórica de que a grande não desaparecia ainda que alguém se collocasse de permeio. Quanto à pequena não pode a doente precisar.

Boismont apresenta uma observação curiosa: Nas montanhas da Escóssia e nalgumas partes da Alemanha, crê-se que quando alguém vê fora de si uma figura semelhante à sua é preságio de morte próxima. Donde se conclui que êste género de alucinações é muito freqüente, pois é do conhecimento do povo, que com êle construiu uma lenda.

Esta alucinação pode apresentar-se de diferentes maneiras: Umas vezes o indivíduo vê na sua frente a sua imagem, como se fôsse num espelho, é o que Féré chamou alucinação autoscópica ou especular. Mas essa semelhança pode ser no indivíduo, mas não na maneira de vestir.

Num caso de Féré, um rapaz viu a sua imagem, mas vestida com um traje de mosqueteiro.

Sollier viu corresponder estas alucinações com perturbações cenestésicas várias, entre as quais o desdobramento da personalidade.

Sucedem algumas vezes que o indivíduo vê um fantasma dissemilhante a si, mas que êle reconhece idêntico moralmente. Também Sollier filia nestes casos, que êle chama de autoscopia externa, um fenómeno que consiste em o indivíduo sentir que está dobrado mas não ver a sua imagem. A êste fenómeno chama Fére alucinação altruista.

Neste fenómeno são considerados como pertencentes a outro, as necessidades e os incómodos do próprio. Assim, num caso citado por Ribot, um doente tinha fortes acessos de tosse e lamentava o interlocutor pelo que sofria com ela.

Um facto a notar é que o fantasma é sobretudo, idêntico moralmente ao indivíduo, ainda que a semelhança física não exista. Nunca êle duvida da identidade, assim não vê o fantasma alucinatorio como alguêm que se lhe assemelhasse muito, mas como êle mesmo.

Observou-se que a alucinação autoscópica variava com o estado da sensibilidade do indivíduo e que se dava geralmente em histéricos nos quais o desdobramento da personalidade se encontra.

Fére e Sollier constataram que a alucinação desaparecia ao mesmo tempo que as perturbações da sensibilidade e da cenestesia.

Em vista disto conclui Sollier :

“Não se trata de um fenómeno visual, não se trata de uma verdadeira alucinação ainda menos de uma alucinação visual. Trata-se de um fenómeno cenestésico e de uma verdadeira sensação objectiva, seja sob a forma visual combinada à forma cenestésica, seja sob a forma cenestésica só. É esta última que é verdadeiramente capital porque ela pode existir só, enquanto as duas outras não podem mostrar-se sem ela”.

A importância dos atributos visuais revela-se em alguns casos, citados por Sollier, em que a alucinação desaparecia por interposição de um corpo opaco. Enfim, como vemos, Sollier dá a principal importância na génese do fenómeno à cenestesia, fazendo dele um facto de ordem cenestésica e não de ordem perceptiva. Conjuntamente com a autoscopia positiva, estuda Sollier a autoscopia negativa. Aqui dá-se o contrário. Citemos um caso de Sollier: “Trata-se de um rapaz histérico de catorze anos que não tinha alucinações.

Um dia estando a vestir-se e olhando o espelho para pôr a gravata, sentiu como que duas marteladas nas regiões temporais e deixou de se ver no espelho. Não via também os moveis reflectirem-se. Para êle o espelho parecia como um vidro de uma vidraça. Via bem tudo em volta, mas como se houvesse um pouco de fumo na atmosfera, e os

contornos dos objectos fôsem um pouco indecisos. Ao cabo de meia hora tornou a sentir de novo as duas marteladas e a alucinação negativa cessou, ao mesmo tempo que a vista se tornava clara».

A interpretação dêste fenómeno é muito obscura.

Com estes factos estuda Sollier o que êle chama autoscopia interna. Aqui o indivíduo em vez de ver a sua effigie vê os seus órgãos interiores.

Isto dá-se em histéricas nas sessões de ressensibilização pelo seu método.

Quando o operador ordena à histérica que sinta um determinado órgão ella descreve-o com os seus detalhes anatómicos. Vou citar um caso de Sollier: "Durante uma sessão de ressensibilização, quando tinha recobrado a dos membros, chega ao ventre. De repente ella queixa-se de uma dôr viva à esquerda, que lhe faz flectir a coxa sôbre o abdómen e crispar a fisionomia. Pergunto-lhe o que tem. "É um tubo que me incomoda. — ¿Que tubo? digo eu — Vai daqui para ali (mostra-me com a mão o trajecto do ovário ao útero) — ¿Que há nesse tubo? — Nada, agora — ¿Então quando há lá alguma coisa? — Quando eu estou incomodada (menstruação). — ¿Que há então? — Sangue — ¿Como o vê? — Em mim — Sim, mas como? ¿deante dos seus olhos? ¿como se fôsse uma pessoa? — Não — ¿Na sua cabeça? ¿em imaginação? " — Não; como se eu

tivesse os olhos no ventre; eu sinto-o„. Ela viu por consequência a trompa esquerda„.

Semelhantermente a êste outros casos são referidos no citado livro, quer pelo autor, quer por outros. Esta autoscopia interna estende-se a vários órgãos, descrevendo-os sempre o indivíduo com exactidão e entrando mesmo em detalhes histológicos como sejam as células e fibras nervosas.

Entre as observações citadas destaca-se uma porque é duma histérica que apresenta êste fenómeno sem estar hipnotizada. Esta criatura fez uns desenhos do que via. Num dêstes desenhos reconhece-se a estrutura do cérebro, noutro um estômago.

Mas ainda há mais. Comar cita dois casos em que duas histéricas descrevem a posição e a forma de dois corpos estranhos que tinham no tubo digestivo. Uma vez êsses corpos fora, reconheceu-se que correspondiam à descrição feita pelas pacientes.

No estudo a fazer dêstes curiosos fenómenos é preciso primeiro pôr de parte as causas de êrro da observação. É o que Sollier faz no seu estudo protestando contra os que negam o fenómeno. Os autores que negam individualidade ao fenómeno assentam em várias hipóteses.

Uma é considera-los como renascimento inconsciente de conhecimentos do indivíduo em

experiência, outra é a fraude e outra uma sugestão inconsciente do hipnotizador.

De todas estas hipóteses trata Sollier. Nas observações que êle publica, as várias criaturas observadas não tinham conhecimentos nenhuns de anatomia e apesar disso entravam em detalhes sôbre a forma e posição dos órgãos.

A mentira não pode explicar nada.

Quanto à influência inconsciente do hipnotizador ela não explicaria como êsses fenómenos se deram primeiro sem ninguêm conhecer a sua existência.

“Os sépticos poderiam responder ainda que elas dessimulavam os seus conhecimentos. Eu preguntarei então como se explica que elas não empreguem quasi nunca os termos técnicos, mesmo para coisas onde a terminologia técnica é de uso corrente. Ora, todas salvo uma, descrevem os seus órgãos, ao menos alguns, como coisas absolutamente desconhecidas e que não lhes recordam nada; elas servem-se de termos vulgares, os mesmos em todas, para os descrever como o faria alguêm que os visse pela primeira vez: são tubos, cordas, sacos, bolsas; fazem comparações com objectos conhecidos, coral, cachos, etc.

Esquecem as suas descrições desde que a sensibilidade e o funcionamento do órgão se tornaram normais, e é só quando os órgãos recobram um

certo grau de perfeição que de repente o indivíduo diz que o que êle sente "deve ser tal órgão" e afirma enfim "que é tal órgão".

¿Como explicar êstes fenómenos? Diz Sollier: Todos os nossos órgãos teem uma representação no cortex cerebral. A consciência que nós temos do nosso corpo é a soma das imagens formadas por sensações orgânicas ou internas, cenestésicas numa palavra, da mesma maneira que a nossa representação do mundo exterior é a soma de imagens resultantes das nossas sensações externas.

As imagens das diferentes partes do nosso meio interior não atingem o grau de discriminação das que provêm do meio exterior. Isto no indivíduo normal. Ora num histérico quando há anestesia de um membro, perda da função motora dêsse membro, suspensão da actividade do centro cortical motor correspondente, o indivíduo não pode representar êste membro nem os movimentos de que êle é capaz normalmente e que se lhe pede para executar". Quando volta a sensibilidade e a motilidade o indivíduo passa a representar o membro.

O que se dá num membro dá-se numa víscera apesar de para a representação de um membro entrarem outros factores.

Se uma causa qualquer vem inibir os centros das funções viscerais, o indivíduo perde a noção da existência da víscera. Desde que a actividade

volta, êle percebe novamente a víscera e com uma intensidade especial em razão do seu isolamento no meio dos órgãos insensíveis.

¿Mas como é que eles vêem esses órgãos? Eles na realidade não os vêem representam-no ao seu espírito como nós representamos uma contracção muscular.

Afastamo-nos talvez um pouco do nosso assunto mas julgamos isto necessário pelas relações que com êle tem.

CAPÍTULO IV

Alucinações telepáticas

É um capítulo novo no estudo das alucinações. Em todos os trabalhos que conheço que tratam do assunto ninguém se refere a elas. E contudo elas existem.

A causa do seu ostracismo é o serem absolutamente inexplicáveis pela ciência actual.

Ora o facto da sua inexplicabilidade não justifica que se passe por elas sem as referir que é como que se negassem.

Este facto não é novo e é característico da nossa ciência. Diz Richet que nós somos mais ou menos semelhantes aos mandarins que estudam muito, fazem exames prodigiosamente complicados mas não saem de Confúcio. Também nós queremos fechar no círculo dos nossos livros clássicos os nossos conhecimentos.

Todos os factos que veem abalar os nossos

conhecimentos admitidos são sempre mal recebidos. É o que já sucedeu como o hipnotismo. Conta Richet que sendo um dos primeiros que estudou êste assunto quasi tinha de se esconder para evitar as considerações e até mesmo zombarias de quem sabia dêsses estudos.

Esta neofobia da sciência é dentro de certos limites útil ao seu progresso. É ela uma das garantias do seu avanço metódico característico da marcha da sciência nêstes últimos tempos. Mas não deve ser levado ao exagêro a ponto de se negarem verdades evidentes só porque elas não cabem nos limites dos nossos conhecimentos.

As alucinações telepáticas são estudadas pelas mesmas pessoas que estudam o espiritismo, de maneira que as explicações que há delas são sob o ponto de vista espirita. No *Phantasmas of the Living* de Gurney, Myeirs e Podmore de que existe uma tradução francesa abreviada com o título de *Hallucinations télépatiques* prefaciado por Richet, vem um grande número de observações de factos desta ordem. "A Society for psychical research," tem-se dedicado ao estudo do fenómeno.

Vou apresentar 2 observações:

Uma delas foi apresentada no curso de psiquiatria pelo illustre professor Magalhães Lemos: Trata-se de uma senhora histérica. Um dia viu o pai, que estava no Brasil, doente numa cama cercado de

gente desconhecida. Descreve os detalhes do quarto, a maneira como êle estava deitado, a posição das pessoas que estavam no quarto. Êste facto impressionou-a muito. Passado tempos viu novamente o pai, desta vez morto, em cima de uma cama. Como é natural ficou muito incomodada mas não falou nisto a ninguém.

Passado algum tempo pareceu-lhe que o médico assistente lhe queria dizer alguma coisa e que a preparava para lhe dar uma notícia. Convidou-o a dizer o que tinha a dizer perguntando-lhe se lhe queria dar parte que o pai tinha morrido. Na realidade assim era.

Uma outra observação é dum indivíduo psicologicamente normal. Êste indivíduo estava no Brasil empregado numa casa. Havia nessa casa uma mulher que era muito amiga dele tratando-o como filho.

Essa mulher caiu doente e foi para o hospital. Êle ía lá visita-la e levava-lhe às vezes algumas coisas de mando do patrão. Uma vez estando no armazém ouviu uma voz longínqua chamando pelo nome dele: Felix!

Estranhou e dirigiu-se ao escritório do patrão perguntando-lhe se o tinha chamado. Perante a resposta negativa voltou para o armazém.

Dáí a bocado nova chamada. Voltou ao escritório onde o patrão lhe disse que se o quisesse

chamar não se punha a gritar pois tinha uma campainha. Ficou bastante impressionado com o que tinha sucedido. O patrão gracejou com êle acabando êle tambem por se rir das suas apreensões.

No dia seguinte tinha de ir visitar a tal mulher e o patrão incumbiu-o de lhe levar umas fructas. Êle respondeu-lhe que não levava porque não lhe saía da ideia que ela tinha morrido. O outro insistiu mas êle não se convenceu. Foi. Quando chegou ao hospital viu a cama, onde ela costumava estar, vazia. Preguntou por ela à enfermeira e soube que tinha morrido na mesma hora em que êle ouviu chamar pelo seu nome. E a enfermeira acrescentou: "o snr. não se chama Felix?" perante a resposta afirmativa continuou: "pois ela quando morreu chamou 2 vezes pelo seu nome".

Tenho todos os dados para não suspeitar da veracidade desta narração.

Não posso deixar de referir uma auto-observação do escritor José Sampaio (Bruno) relatada no seu livro a "A Ideia de Deus".

Diz êle:

"Quando eu era moço, certa noite, encanzinou-se uma acalorada conversação entre rapazes da minha idade num botequim janota. O tema era o jôgo e os seus precalsos. Acudiu-me uma irresistível tentação de assistir ao funcionamento da roleta, instrutivo aparelho que eu nunca tinha visto

em exercício. Esquivei-me da roda dos meus conhecidos e dirigi-me a um respeitável estabelecimento ali cerce, que me inspirava confiança por lhe ouvir chamar *A do Padre*. Sob a égide do sacerdócio sentia-me um pouco tranqüilo.

.

“Um compassado burguesismo regia ali o vício; e tudo se percebia prestes, indiferentemente, ou para girar a roleta em quadrilha ou para se tomar o chá em família.

“Só, uma nuvem espessa de fumo de tabaco, pairando atestava má sociedade. Estava bastante gente em torno da banca; e, periódicamente, a bola zinia no prato da roleta.

“Eu tomei lugar estudando as regras do jôgo; e breve me inteirei da sua simplicidade elementar. Então súbitamente, senti uma mão que, subtil, pousava sôbre o meu ombro; como que uma sombra morna e doce, a senti, morna e doce, a qual se me acercava do rosto; o perfumoso afago dos seus cabelos inefáveis inebriava-me; e então ouvi, distintamente (mas com a pavorosa, orgulhosa impressão de que era uma voz exclusivamente *interior*, que ninguém poderia ouvir ninguém mais do que eu), ouvi uma voz que me dizia, com inflexão recôndita e meiga: — *Vamos agora garanto-te que ganhas, joga no numero “tantos”.*

“Ai não fôsse o cobarde natural receio de que minha ingenuidade algo se volvesse dos motejos sépticos da suficiência compreensiva e simpática (sob a tremenda e incoercível solidariedade, espontânea e fraterna, da inferioridade conexas e conjuntas)! Ai não fôsse! Diria então, aqui, que se conglomerava, a meu lado, uma vaporosa, ondulosa coluna, condescendente nos flutuantes movimentos do meu corpo. Seria aquela mesmo que, para que mais longe a não busquemos, Descartes conta que, após uma longa reclusão, êle sentia exteriorizada, em um indivíduo, informe e invisível, que lhe ia bradando, incessantemente, que prosseguisse na cata da verdade.

“Fiquei fulminado, estúpido, sem decisão: e quando, vindo a mim e recuperando-me, metia a mão na algibeira do colete ao encontro de uma moeda maior, para jogar, era tarde. A bola repousava numa casota; mas, pachorrentamente, o banqueiro dizia o número que ganhava. Era êle êsse número, precisamente, que eu escutara, naquela minha primeira e perturbadora alucinação auditiva.

“A segunda, agora, dessas minhas alucinações parece-me, então, excepcionalmente interessante.

“Isto ocorreu, na Espanha, em Salamanca; e creio (digo-o) que envolve conclusões, de ordem geral, para atender com muita sizudez e com um respeito profundo”.

II. Bruno conta que quando exilado vivia em Paris com João Chagas e como os recursos pecuniários eram poucos chegou um dia em que acabaram. Resolveram partir, vindo João Chagas para Portugal e Bruno ficando em Espanha.

Trataram de pôr o plano em prática mas foram mal sucedidos "e para não desmentirem o prolóquio português de que na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão" trocaram palavras arrebatadas e despediram-se friamente.

Sucederam depois alguns factos que me dispenso de referir e Bruno passado tempo partia para Bordeus mandando daí a Chagas um telegrama explicativo. De Bordeus partiu para Espanha indo hospedar-se num hotel em Salamanca.

Aí também sucederam mais alguns factos que o poseram numa certa excitação.

Adormeceu. "Mas eis-me logo acordando, a um golpe como que de marteladas na porta. Sentei-me na cama; saltei para fora; bradei: — *Quem está aí?* Naturalmente, ninguém respondeu. Com os pés descalços peguei no revólver e candelabro e percorri a casa". Não encontrou nada.

Voltou para o quarto e deitou-se e novamente adormeceu. "Não sei que tempo se passara. Eu não estava nem bem acordado nem bem a dormir. Era como nestes despertares normais mas lentos.

"Aqui era lentíssimo e predominava sôbre a vi-

gília o sono. O sonho prolongava-se na vigília; não havia solução de continuidade de entre o que a consciência recorda como pesadelo *passado* e que ela regista como pesadelo *presente*. É o mais que posso esmiuçar. Enfim não sei.

“Sei só (mas isto sei-o de toda a evidência) que uma *mesma* mão me pousou, subtil, sôbre o ombro nú; e que uma *mesma* voz meiga me disse recôndita: *Ora ouve. Tu que estás, mais ou menos, a mal com o Chagas, ha-de-te ser desagradável, agora encontrar-te inesperadamente com êle. Por isso toma o meu conselho. Não sigas nesse comboio. Que, se seguires eu to garanto, vais encontrar-te com o Chagas. Atende-me não vás nesse comboio.*

“No comenos, como que um frémito e como que uma frescura de asas. Um inextricável nó me estrangulou a garganta. Quando, logo, discretamente rufaram na porta. Ténue claridade amarelenta passou pela bandeira; e, hilare, o pançudo sereno mandou, pela alma da fechadura, a admoestação recomendada:—*Pues, caballero, dispense Usted; pero esta es la hora.*

“O materialismo é uma doutrina filosófica séria e digna de atenção. Espíritos notáveis a teem professado; e, nial avisado andou Amorim Viana quando de um deles, do francês Alfred Maury, escreveu que suas tendências materialistas lhe des-

lustravam a vasta erudição. Do materialismo senão dedignou de fazer a respeitosa história crítica, em uma das obras notáveis do fim do século que findou, um idialista tão subtil e apurado como o alemão Alberto Lange. Mas a materialice, a tendência materialeira, que revela a inferioridade da nossa procedência e nos assinala a animalidade das origens, coisa seja grosseira e estúpida. Apresenta-se sempre pela forma larachosa e foliona; e não se compadece com a sizudez e gravidade da alma. O espírito que nega não pode ser hoje o demónio grandioso e austero de Milton. Filho do século XVIII, Göethe teve uma intuição histórica profunda quando o definiu nas lucinâncias sarcásticas do alcoviteiro gracioso, Mefistófeles dito, que desafia o Padre Eterno como capaz de lhe corromper e seduzir o filho dilecto, o seu bom servidor Fausto.

“Lavando-me e vestindo-me, eu ía pensando, materialmente, na impossibilidade material de me encontrar com João Chagas. A João Chagas eu sabia-o retido em Paris por apremiantes circunstâncias económicas, que difficilmente, impossivelmente poderia, na regra costumeira vencer de pronto. Ainda que, por absurdo, dessas difficuldades conseguisse triunfar de golpe, eu sabia, igualmente, que era deliberado propósito seu torcer caminho e entrar em Portugal por Badajoz. Seu fito estava em não seguir segunda vez um trajecto já percorrido

na sua primeira incursão, escondida, no país. De raciocínio resultava, portanto, *positivamente* impossível encontrar-me com o João Chagas.

“Depois incitava-me um imaginário ridículo. O meu scepticismo voltairiano doia-se de me apontar, a dentro de mim mesmo, a contradição de essas vozes interiores, que aliás ainda me admoestavam e me aconselhavam ainda. Reputava-me, desta arte, insignemente cómico, velho estuporão, fatigado e enfermo, transportado bruscamente, em uma percejosa estalagem espanhola, à orvalhosa candura do campo loreno e escutando como aí a *Poncella*, outrosim as minhas vozes. Não estava má a facécia. Que troça!

.

“Dei-me ares de audácia para o desconhecido; reptei o mistério. Ricanei o sonho: *Vou desobedecer-te. E ousa esperar que não me desmintas. Ou, senão, vamos lá a ver se eu me encontro, com efeito, com o João Chagas. Uma grande confiança, positiva, sobranceira se me estalava, toda.*”

Meteu-se numa carruagem e foi para a estação. Perto dessa estação havia um pequeno restaurante.

“Eu saí da minha carruagem, continua Bruno e fui a um pequeno restaurante, tomar uma chávena de chocolate. E voltando para o meu compartimento, ao sentar-me de novo, um zumbido fulgiu

aos meus ouvidos; e a mesma voz, agora descida um quarto de tom, me disse, com branda inflexão de leve maliciosa, levemente risonha:— *Ora vais ver o Chagas.*

“Não sei porque nem para quê, eu sorri-me. Pensei:— *Também tinha graça na verdade.*

“Porêm, de seguro, devera haver-me tornado lívido, porque houve em mim súbita impressão de que o sangue se me coalhava, todo, nas veias.

“Era que eu ouvira nesse instante (mas agora, por modo positivo, objectivo, exterior) a, de mim bem conhecida, voz de João Chagas, que em francês dizia para a francesa: Minha senhora, queira ter a bondade de mandar acomodar as minhas malas naquela carruagem de primeira.

“Precipitei-me para a portinhola do meu compartimento; na porta do restaurante, João Chagas dava as últimas instruções ao criado, indicando-lhe, com a *badine*, a carruagem que escolhera e que era *precisamente* a que se seguia à minha.

“Caí, abatido, sôbre a travessa de madeira; e não tive tempo de meditar um ápice sequer”.

Estes quatro casos são absolutamente dignos de crédito. Dois deles são da minha observação e os outros dois foram apresentados pelo alto espírito que foi Bruno, de cuja honestidade e inteligência ninguém pode duvidar.

Poderia transcrever muitas observações das

publicadas no já citado livro *Hallucinations telepatiques*.

No prefácio que Richet lhe faz diz o seguinte: "Eu abordei esta leitura com uma incredulidade zombeteira; mas pouco a pouco, como eu não tenho nenhum *fetichismo* pela sciência chamada oficial, acabei por adquirir a convicção de que a maior parte destas narrações eram sinceras; que as precauções múltiplas, necessárias para assegurar pelos testemunhos exactos a autenticidade dos factos, tinham sido tomadas, e que, por extraordinária que fôsse a conclusão, não poderíamos recusar admiti-las".

Numa palavra estes factos parecem-nos provados e o seu estudo impõe-se. É isso que nós afirmamos.

Quanto às explicações do fenómeno nada direi pois não há explicações sciêntificas.

PROPOSIÇÕES

1.^a classe. **Anatomia.** — A anatomia veio confirmar o que a fisiologia fazia prever sobre a existência de um feixe unindo o núcleo do óculo-motor comum de um lado com o do óculo-motor externo do outro lado.

2.^a classe. **Histologia e Fisiologia.** — O gânglio ciliar é exclusivamente um centro de reflexos não visuais.

3.^a classe. **Farmacologia.** — Um banho abaixo da temperatura do corpo é o melhor antitérmico.

4.^a classe. **Anatomia Patológica e Medicina legal.** — A proliferação das células dos vasos cerebrais é uma lesão freqüente na paralisia geral

— O anúncio das especialidades farmacêuticas só devia ser permitido nos jornais da especialidade.

5.^a classe. **Higiene, Bacteriologia e Parasitologia.** — Os casamentos por conveniência devem ser uma

causa de degenerescência por falta do factor — selecção sexual.

— As inoculações de um micróbio nos animais de experiência, não produzem efeitos em relação com a virulência com que elles se apresentavam no homem.

6.^a classe. **Obstetricia e Ginecologia.** — Numa grávida com coreia podemos administrar a antipirina.

7.^a classe. **Cirurgia.** — Numa tuberculose cirúrgica, só devem ser empregados outros meios depois da helioterapia e, sendo necessário, a extensão contínua.

8.^a classe. **Medicina.** — O tratamento da obesidade pela alimentação azotada, sob o pretexto de que os hidratos de carbono dão origem à gordura, não tem razão de ser.

Especialidades:

Psiquiatria. — Para que a esterotipia exista é necessário um enfraquecimento intelectual bastante pronunciado e um enfraquecimento da consciência e da vontade.

Neurologia. — As perturbações intellectuais dos afásicos não bastam para explicar a sua afasia.

Visto
Lopes Martins,
Presidente.

Pode imprimir-se
Candido de Sinho,
Director.

Erratas mais importantes

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
9	3	intensão	intenção
15	nota 1	<i>La langage interieure</i>	<i>Le langage interieur</i>
"	" 2	<i>La langage interieur</i>	<i>Le langage interieur</i>
19	5	não podemos	nôs podemos
27	4	a sua-ideia	a sua ideia„
31	23	semilhanamente	semelhantemente
55	14 e 15	desapercebidos	despercebidos
64	4	para a calúnia	para a calúnia„
68	nota 1	<i>Encephale</i>	<i>Encéphale</i>
"	" 2	"	"
74	17	Plates	Plater
91	10	chamando-se	chamando-lhe
99	14	Ora num histórico	“Ora num histórico
102	20	prefaciado	prefaciada